

EQUIPES DE NOSSA SENHORA
EQUIPE RESPONSÁVEL INTERNACIONAL

OS SACRAMENTOS DA IGREJA CATÓLICA

Documento preparado pela
Equipe Satélite de Formação Cristã

Fevereiro de 2016.

ÍNDICE

NOTA IMPORTANTE	4
OBJETIVOS DO ALBERGUE	5
INTRODUÇÃO	6
MESA 1: BREVE HISTÓRIA DO DESENVOLVIMENTO DOS SACRAMENTOS	9
OS SACRAMENTOS NA HISTÓRIA DA IGREJA.....	9
O TEMPO FUNDADOR	9
DA ORIGEM DOS SACRAMENTOS	14
RAÍZES BÍBLICAS E JUDAICAS DOS SACRAMENTOS	14
MESA 2: FUNDAMENTOS DA DISCIPLINA SACRAMENTÁRIA	16
JESUS CRISTO SACRAMENTO DO PAI	17
A IGREJA, SACRAMENTO DO CRISTO	20
OS SACRAMENTOS DA IGREJA.....	25
MESA 3: FÉ, RITOS, SÍMBOLOS, MEMORIAL.....	31
A FÉ	31
AS DIVERSAS DIMENSÕES DO SÍMBOLO SACRAMENTAL	31
SÍMBOLOS, RITOS E SACRAMENTOS.....	38
O MEMORIAL.....	39
MESA 4: BREVE APRESENTAÇÃO DOS SACRAMENTOS HOJE	41
A EUCARISTIA	41
MESA 5: BREVE APRESENTAÇÃO DOS SACRAMENTOS HOJE (cont.).....	45
OS SACRAMENTOS DA INICIAÇÃO CRISTÃ: BATISMO, CONFIRMAÇÃO, COMUNHÃO EUCARÍSTICA.....	45
MESA 6: BREVE APRESENTAÇÃO DOS SACRAMENTOS HOJE (cont.).....	55
OS SACRAMENTOS DE CURA: RECONCILIAÇÃO E UNÇÃO DOS EMFERMOS	55
MESA 7: BREVE APRESENTAÇÃO DOS SACRAMENTOS HOJE (cont.).....	64
OS SACRAMENTOS A SERVIÇO DA COMUNHÃO: ORDEM	64
MESA 8: BREVE APRESENTAÇÃO DOS SACRAMENTOS HOJE (cont.).....	70
OS SACRAMENTOS A SERVIÇO DA COMUNHÃO: MATRIMÔNIO	70

CONCLUSÃO	85
JESUS, PALAVRA DE DEUS.....	85
PALAVRA E SACRAMENTO	85
BIBLIOGRAFIA.....	88

NOTA IMPORTANTE

Para realizar este trabalho sobre o Albergue relativo aos Sacramentos, usamos como livro de referência: ***Pour vivre les sacrements*** (*Para viver os sacramentos*) (2ª edição de 1989) de Philippe BÉGUETIEZ e Claude DUCHESNEAU, especialistas no assunto.

Decidimos utilizar esta obra após pesquisa bibliográfica e consulta a vários documentos. Encontramos neste livro o conjunto dos temas que precisávamos para abordar a questão dos Sacramentos na Igreja Católica, tratados numa linguagem simples, com uma teologia firme e uma abordagem catequética.

Este livro faz parte de uma coleção publicada pelas Editoras Novalis/Cerf. Existe, portanto, certa “especialização” no tipo de abordagem mantida pelos autores.

Encontramos nesta coleção, entre outras publicações: *Para viver a eucaristia; Para viver o casamento; Para viver a liturgia.*

Além disso, encontramos em outras obras consultadas essencialmente a mesma informação, porém tratada de forma diferente. O fato de este estudo referir-se principalmente a apenas um documento, confere também certa uniformidade ao conjunto do Albergue.

Existem também algumas referências ao Catecismo da Igreja Católica.

OBJETIVOS DO ALBERGUE

GERAL

Empenhar-se numa abordagem global de iniciação cristã e de crescimento permanente da fé.

ESPECÍFICOS

- 1) Trazer elementos de respostas às perguntas levantadas pela cultura atual sobre a vida sacramental das comunidades cristãs.
- 2) Trazer os elementos históricos, teológicos e pastorais para cada um dos sacramentos, em coerência com o ensinamento da Igreja.
- 3) Favorecer uma tomada de consciência maior da realização do plano de Deus na vida do crente, por meio dos sacramentos.
- 4) Suscitar o testemunho da fé e o comprometimento na missão para a chegada do Reino de Deus.

INTRODUÇÃO

“Os sacramentos ainda têm futuro?”

Levantava-se esta questão nos anos 1970/1980, tempo no qual se tentava elaborar uma teologia da secularização. Fazia parte do processo de interrogação feito à religião em nome da fé e à prática sacramental - e seus desvios – em nome do compromisso ou do engajamento. Inscrevia-se igualmente na crítica da visão sacral do universo. Perguntava-se se o rito sacramental não era o resíduo de uma cultura ultrapassada e, portanto, marcada pela obsolescência.

Esta questão não explica a distância tomada por certos cristãos em relação às celebrações sacramentais. Este abandono tem outras causas e ele esteve parcialmente na origem da questão.

Constata-se, de fato, que muitas pessoas parecem viver sua fé em sua existência diária sem participar, a não ser esporadicamente, das celebrações dos sacramentos. Ao mesmo tempo, os pastores estavam inquietos – e ainda estão – diante das demandas que mais pareciam diligências formalistas do que diligências de fé.

Os sacramentos estavam, portanto, em questão e questionavam. Devemos certamente nos arrepender do abandono da prática sacramental pelos cristãos generosos, abandono que era ao mesmo tempo a causa e a consequência dessas interrogações. Mas, devemos nos alegrar com a reflexão teológica e com o esforço catequético e pastoral que nasceram desta questão radical expressa sob diversas formas.

A crise tem, em particular, suscitado uma renovação da teologia dos sacramentos e eis seu aspecto positivo. Os estudos empreendidos sobre este assunto beneficiaram pesquisas bíblicas e históricas. Eles igualmente se beneficiaram das ciências do homem, em particular dos estudos sobre o rito e o símbolo¹.

Somos convidados aqui a fazer um percurso que, progressivamente, mostra as riquezas do mistério da salvação. Quem buscar este percurso e o seguir passo a passo descobre o vínculo entre o Cristo sacramento, a Igreja sacramento e nossos sete sacramentos.

¹ BEGUETIEZ, Philippe e DUCHESNEAU, Claude. **Pour vivre les sacrements**. (Para viver os sacramentos). Ed. De Cerf, Paris, 1991, 2^e. édition, p. 9.

Vínculo esclarecedor que, ao mesmo tempo, nos faz mergulhar mais profundamente no mistério do Cristo e da Igreja, revelando o lugar dos sacramentos.

Não teríamos ainda a tendência de pensar que o vínculo entre o Cristo e os sacramentos é pura intuição?

Estaríamos considerando o sacramento como Palavra e como gestos atuais do Senhor em sua Igreja, pela sua Igreja, para a sua Igreja e para os homens?

Quem seguir passo a passo este percurso descobre que as celebrações sacramentais que marcam sua vida fazem de sua existência uma existência sacramental.

O cristão que participa dos sacramentos torna-se de certo modo sacramento para o mundo, e isto em toda a sua vida transformada e animada pelo Espírito Santo.

Este ponto é importante, pois é em parte resposta às perguntas colocadas a respeito dos sacramentos.

Não podemos esquecer, de fato, que a crise afetando os sacramentos é um aspecto daquilo que chamamos de “mudanças culturais” que vamos analisar.

O desenvolvimento acelerado dos meios técnicos, que transformam o mundo em objetos manipuláveis e a racionalidade que tende a reinar como mestre sobre nossa sociedade parece tornar anacrônicas as celebrações sacramentais.

Ora, os estudos da função simbólica do homem e aqueles sobre o significado do rito na existência humana, nos ajudam a redescobrir as riquezas do percurso sacramental. E o sacramento, revelação do mistério de Deus em Jesus Cristo, é a revelação do mistério do homem.

O sacramento, mais do que qualquer discurso, diz quem é o homem. Celebrar os sacramentos e fazer de sua existência uma existência sacramental são testemunhos, isto é, atestado da grandeza do homem e contestação de uma cultura que enclausura o homem no universo sufocante da racionalidade, ameaçando-o de transformá-lo em objeto.²

O destino da múmia de Ramsés II (exumada de seu túmulo onde repousava na residência dos mortos, de simbolismo forte, a múmia submetida às condições de nosso tempo, foi transformada em objeto de museu...) poderia, de fato, antever o destino do homem

² Idem, p. 10.

quando transportado do universo simbólico ao mundo concebido como inteiramente racional e vivido como um mundo de objetos, um canteiro explorável.

Saindo da ordem simbólica na qual sua existência tem sentido, o próprio homem não se arrisca a ser tratado como objeto?

Os sacramentos têm um grande futuro e nunca tiveram um papel tão importante como agora.

Os sacramentos, certamente, sempre foram e sempre serão gestos que o Senhor faz para o homem, gestos efetivos de graça, gestos pelos quais o homem é configurado ao Cristo morto e ressuscitado, e se torna criatura nova, filho no Filho único.

As celebrações sacramentais são lugares de encontro de Deus e de seu povo, lugares de encontro de Deus e de cada membro da Igreja. É por meio de sua Palavra e os sacramentos que o Senhor edifica sua Igreja, fazendo-a crescer, enviando-a em missão.³

Mas, é bom sublinhar outra dimensão do sacramento: o sacramento revelação do mistério de Deus é ao mesmo tempo revelação do mistério do homem.

Participando de uma celebração sacramental, o cristão proclama que recebeu de Deus a revelação do sentido de sua existência. Vivendo sua existência como sacramental, ele testemunha a grandeza do homem, filho de Deus. E devemos levar este testemunho se quisermos que o homem escape ao destino da múmia de Ramsés II.⁴

³ Idem, p. 11.

⁴ Idem, p 12.

MESA 1: BREVE HISTÓRIA DO DESENVOLVIMENTO DOS SACRAMENTOS

OS SACRAMENTOS NA HISTÓRIA DA IGREJA

Vinte séculos de história da Igreja, vinte séculos de presença dos sacramentos nesta história: isto é considerável, admirável!

Mas, ao mesmo tempo, por ser uma história, uma vida, existe permanência e mudança, estabilidade e evolução...

As perguntas que cada cristão se faz a respeito dos sacramentos manifestam o interesse levado a uma parte fundamental da vida da Igreja e da existência cristã: **afinal, o que são os sacramentos, de onde eles vieram, o que eles representam hoje?**⁵

O TEMPO FUNDADOR

Não voltaremos a ser a Igreja primitiva. Não seria saudável instalar-se numa nostalgia dos princípios da Igreja.

Em contrapartida, sabemos que nossa vida cristã de hoje depende do tempo quando ela foi fundada e de nossa fidelidade à colocação deste tempo fundador. O que podemos dizer a respeito dos sacramentos?

Os primeiros cristãos permanecem na seguinte situação: a sua maioria conheceu Jesus e viveu com ele durante quase três anos. Ora, Jesus acaba de morrer. Os judeus o crucificaram. Mas Deus o ressuscitou: eles são testemunhos (At 2,32). Jesus “*desapareceu da sua presença*” (Emaús, Lc 24,31). Mas ele está vivo: *Deus o fez Senhor e Cristo* (At 2, 36).

Os primeiros cristãos querem prosseguir na sua relação com Jesus, celebrar Deus que não deixou seu Filho ao poder da morte (At 2, 24) e anunciar a todo homem esta Boa Nova. Como deverão fazê-lo?

Por meio de duas atividades diferentes, porém, complementares: uma voltada para o exterior, **a pregação missionária** (ver o discurso de Pedro em Pentecostes, e depois a

⁵ BEGUETIEZ, Philippe e DUCHESNEAU, Claude. **Pour vivre les sacrements**. (Para viver os sacramentos). Ed. De Cerf, Paris, 1991, 2e. édition, p. 82.

explosão da comunidade de Jerusalém na ocasião da perseguição: At 8,4); a outra para o interior, **o batismo** como sinal de adesão ao Cristo e de inserção na comunidade (ver Pentecostes: At 2,41) e **a refeição comunitária** durante a qual “o pão é partido” e distribuído para recordar o Senhor Jesus (ver At 2,42; 2,46; 20, 7).

Nesta atividade voltada para a constituição (batismo) e o sustento (fração do pão) da comunidade encontramos o núcleo fundador do que chamamos hoje a vida sacramental da Igreja.

Seguindo mais adiante em nossa reflexão, notamos que a vida batismal e eucarística é o resultado da combinação de três elementos: **a fé, o rito, o memorial**.⁶

Assim sendo, uma maneira nova de usar os ritos antigos consistia, como Jesus havia solicitado (daí a instituição), não somente em lembrar do “desaparecido” (ver Emaús), mas de “fazê-lo em sua memória”, isto é, permitir a Jesus Vivo de continuar a agir entre eles, beneficiando-os de sua Páscoa historicamente passada, porém misticamente sempre atual.

É somente da eucaristia que Jesus disse: *Fazei isto em minha memória*; mas o batismo (e todos os outros sacramentos) é tanto memorial da Páscoa do Cristo quanto o “Pão partido”.

Assim se colocava o que foi chamado de **núcleo fundador** da vida sacramental da Igreja. Este núcleo não tinha outro nome, a não ser os dois atos que o constituíam: o batismo e a fração do pão (*Ceia do Senhor*, I Cor 11,20, pois Paulo é, cronologicamente, o primeiro a falar da eucaristia).⁷

Contudo, de outro lado, constatamos a presença de certas ações ou práticas que serviam à vida de fé das primeiras comunidades.

Mas, suas práticas permanecem no maior vazio histórico e, além disso, não existe ainda um nome preciso para designá-las e, sobretudo, de noções teológicas (como do sacramento) para juntá-las.

É o que Maurice Jourjon, especialista dos Padres da Igreja, diz: *os sacramentos nasceram tendo um termo*; entendam: antes havia um termo para designá-los.⁸

⁶ Idem, p. 82.

⁷ Idem, p. 83.

⁸ Maurice Jourjon. *Les sacrements de la liberté chrétienne* (Os sacramentos da liberdade cristã). Le Cerf, p. 9.

Viver do Cristo e com ele todas as situações da existência é a única preocupação dos primeiros cristãos.

Damos aqui alguns exemplos do trabalho da história para o desenvolvimento dos sacramentos:

A confirmação

Durante os primeiros três séculos da Igreja, o cristianismo era essencialmente urbano (Jerusalém, Antioquia, Alexandria, Roma, Lyon...) e as comunidades de tamanho bastante reduzido, especialmente em razão das perseguições.

O bispo era um pouco o “vigário” de cada uma. Ele está aqui. Ele está próximo. Na Páscoa ele batizava os catecúmenos, cumprindo o conjunto de ritos que precedem ou seguem o banho de água propriamente dito. Assim, é ele que, após o batismo, coloca as mãos no neófito chamando o Espírito, e faz a unção de óleo. Ninguém poderia pensar que aí existem duas operações bem distintas.⁹

Mas, quando o cristianismo, após a paz com Constantino em 313 d.C., consegue se expandir nas zonas rurais em volta das grandes cidades, o bispo se afasta cada vez mais daqueles que serão batizados nas comunidades longínquas. O padre, então, irá batizar os catecúmenos da comunidade da qual ele é o responsável; mas espera-se a chegada do bispo para que faça a imposição das mãos e a unção. É somente no ano 465 que Fausto, bispo de Riez, falará a respeito deste assunto de “confirmação”.¹⁰

A penitência

A história da penitência é a mais movimentada de todos os sacramentos. No Ocidente, a penitência conheceu pelo menos três formas diferentes e sucessivas (sem contar os períodos vazios) e é somente no início do século 17 que data a generalização da confissão privada.

Santo Agostinho nunca recorreu a ela entre sua conversão e morte, mas São João Bosco confessava-se todos os dias.

⁹ Idem, p. 84.

¹⁰ Idem, p. 85.

O casamento

Os cristãos, naturalmente, sempre se casaram, mas, durante os primeiros séculos não existia nenhuma cerimônia ou trâmite religioso particular. Era o casamento “segundo o costume local” que fazia a fé e a lei.

Gradualmente tomou-se o hábito de pedir a permissão ao bispo durante o casamento dos clérigos e de celebrar uma missa na ocasião do casamento, com a bênção da esposa.

Mas, foi somente em 1563, e para combater o abuso dos casamentos ilegítimos, que o Concílio de Trento apresentou, pela primeira vez, uma forma canônica obrigatória que é ainda a atual: a passagem dos cônjuges perante seu pároco e a troca dos consentimentos em sua presença.

A ordenação

Esperou-se 1947 e o Papa Pio XII para esclarecer que o ato da ordenação de um padre não era o toque no cálice e na patena, mas a imposição das mãos pelo bispo e a prece consagratória que acompanha.

Devemos, então, falar de instituição dos sacramentos pelo Cristo?

Se isso significa que Jesus elaborou, durante sua existência terrestre, a prática dos diversos sacramentos, isto seria duplamente incorreto: em primeiro lugar, porque os ritos que resultaram nos sacramentos, todos eles existiam antes dele, e em seguida, porque vários desses ritos (todos exceto o batismo e a eucaristia) esperaram vários séculos após Jesus para revelar claramente seu valor sacramental.

Que o Cristo tenha instituído os sacramentos significa que cada um deles é considerado, a título justo, como um ato do Cristo correspondendo a um dom da graça particular que o Cristo quis expressamente, deixando para a Igreja o cuidado de especificar as modalidades concretas das ações humanas que as permitiam.¹¹

¹¹ Idem, p. 85.

Existem sete sacramentos

- ▶ Sete, como os dias da semana.
- ▶ Sete, como os dons do Espírito Santo.
- ▶ Sete, um número altamente simbólico. Ele somente nos deixa adivinhar que toda a vida torna-se sacramental quando vivida sob a influência do Espírito e na luz da Palavra de Deus.
- ▶ Existem sete sacramentos, mas não devemos colocá-los lado ao lado como realidades totalmente similares.

No centro encontra-se **a eucaristia**, sacramento da Páscoa, sacramento do Corpo do Cristo, sacramento da Igreja.

Os sacramentos **da ordem** e do **casamento** são ordenados para a salvação de outrem. Se contribuírem igualmente à salvação pessoal, é através do serviço dos outros que ela é feita. Eles conferem uma missão particular na Igreja e servem para a edificação do Povo de Deus. (CIC, 1534).

Batismo, confirmação e primeira comunhão são chamados sacramentos da iniciação cristã. Eles são como o caminho que conduz à plena participação na eucaristia, participação na vida da Igreja. Pelo batismo e eucaristia toda a vida do cristão é configurada à morte e à ressurreição do Senhor. O batismo é como o seu fundamento, a eucaristia como o cume. Mas é preciso viver a Páscoa em todas as realidades diárias. Neste sentido, podemos dizer que pelo batismo e pela eucaristia toda a vida do crente torna-se sacramental.

Os sacramentos da **reconciliação** e da **unção dos enfermos** nos fazem viver a Páscoa do Senhor, sua morte e sua ressurreição, nas situações importantes da existência. Poderemos sempre discutir, a fim de saber por que esses dois foram mantidos. Isto se deve muito mais à história e à vida das comunidades do que a qualquer teoria preestabelecida.

Não há vida humana sem conflito. Viver a Páscoa significa trabalhar para a reconciliação, pois Deus é perdão.¹²

Não existe vida humana sem confronto com a doença, o sofrimento e a morte. Viver a Páscoa é descobrir que a vida do homem é ainda maior da que já nos foi dado viver.

Jesus Cristo morreu e ressuscitou para que o mundo tenha vida. Aqueles que aceitam colocar suas vidas sob o indício da Páscoa do Senhor tornam-se membros deste Corpo do qual Ele é a Cabeça. Juntos, de celebrações sacramentais em celebrações sacramentais, eles acolhem o dom do Espírito para anunciar ao mundo o novo Reino feito da presença de Deus no meio dos homens.¹³

DA ORIGEM DOS SACRAMENTOS

Em nossa fé cristã afirmamos que “os sacramentos foram instituídos por Jesus Cristo”. Isto significa que não existia nenhum sacramento antes Dele e que os sacramentos têm seu sentido e poder de Jesus que os escolheu como meio de graça.

Mas, que Jesus Cristo tenha instituído os sacramentos não significa que ele inventou os gestos e as ações rituais que são os apoios humanos.

O batismo cristão não é o mesmo que o de João Batista, e a existência deste batismo mostra bem que Jesus retomou um rito que existiu antes dele.

RAÍZES BÍBLICAS E JUDAICAS DOS SACRAMENTOS

Os sacramentos cristãos têm suas raízes em eventos bíblicos (passagem do Mar Vermelho para o batismo; Aliança do Sinai para a eucaristia...) e nas práticas da religião judaica anterior ao cristianismo:

- ▶ Banhos de purificação (nos Essênios e João Batista);
- ▶ Batismo de incorporação (batismo dos adeptos que se convertiam ao judaísmo);
- ▶ Unção de consagração (Saul, Davi: 1 S 10 e 16), ou da cura (Tb 11);

¹² Idem, p. 109.

¹³ Idem, p. 110.

- ▶ Sacrifícios de Ação de Graça no Templo, seguidos da refeição de sacrifício em casa, no caso da refeição pascal;
- ▶ Celebrações e práticas penitenciais (Yom Kippour, ou Dia do Perdão);
- ▶ Casamentos (Tb 7, Bodas de Caná).

Nenhuma prática é um sacramento, mas todas elas, pelas abordagens rituais e seu relacionamento com a Aliança, prefiguram os sacramentos da Nova Aliança.¹⁴

PERGUNTAS PARA APROFUNDAMENTO DA “HISTÓRIA DOS SACRAMENTOS”

- 1) Quais aspectos ligados à origem dos sacramentos lhe parecem mais importantes a perpetuar?
- 2) Como a História enriquece nossa compreensão dos sacramentos?

¹⁴ Idem, p. 110.

MESA 2: FUNDAMENTOS DA DISCIPLINA SACRAMENTÁRIA

Encontramo-nos no coração de toda a teologia dos sacramentos:

- ▶ Um sacramento se realiza sempre em nome de Jesus Cristo.
- ▶ Todo sacramento é obra do Espírito; ele é ao mesmo tempo um dom e um apelo.
- ▶ Situa-se no coração da vida do homem, continuando a missão de Jesus que é revelar ao mundo a verdadeira face de Deus.

O primeiro sacramento é Jesus Cristo, dizia Santo Agostinho. Ele é, de certa forma, o sacramento-fonte de todos os outros.

De fato, Jesus é realmente “uma realidade do mundo”; não é ele “o carpinteiro, filho de Maria e irmão de Tiago, José, Judas e Simão?” (Mc 6,3). Jesus “revela o mistério da salvação”, pois ele próprio é a Salvação. Ele a revela, realizando-a. Somente ele merece realmente o nome de “sacramento”. Jesus é “sacramento do Pai”. Diz-se também: “O Cristo é o sacramento do encontro de Deus” (Edward Schillebeeckx, Ed. De Cerf, 1960).¹⁵

O Cristo está sempre presente, perto de sua Igreja, especialmente durante as ações litúrgicas. Ele está presente no sacrifício da missa; na pessoa do ministro, o mesmo que se oferece agora como se oferecia outrora na cruz – e no ponto mais alto, sob os elementos eucarísticos.

Ele está presente pela sua ação nos sacramentos, a tal ponto que quando alguém batiza, é o próprio Cristo que batiza (Santo Agostino). Ele está presente pela sua Palavra, pois é ele quem fala quando são lidas na Igreja as Santas Escrituras.

Finalmente, ele está presente quando a Igreja ora e canta os salmos, ele que prometeu: “*Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei em meio deles*” (Mt 18,20).

Efetivamente, pela realização da grande obra onde Deus é perfeitamente glorificado e os homens perfeitamente santificados, o Cristo sempre associa a Igreja, sua Esposa bem

¹⁵ BEGUETIEZ, Philippe e DUCHESNEAU, Claude. **Pour vivre les sacrements**. (Para viver os sacramentos). Ed. De Cerf, Paris, 1991, 2e. édition, p. 21.

amada que o invoca como seu Senhor, e que passa por ele para levar seu culto ao Pai Eterno (Vaticano II, Constituição da Santa Liturgia, 7).¹⁶

JESUS CRISTO SACRAMENTO DO PAI

Em primeiro lugar, colocamos nosso olhar sobre Jesus. Dissemos que ele é o sacramento do encontro de Deus e do homem; afirmamos que ele é o sinal deste encontro e, além disto, que ele realiza o que significa.

Jesus, presença de Deus

Jesus não é apenas um homem que significa Deus; ele é a presença de Deus.

Quando dissemos que ele é sacramento, sinal indelével da salvação e do Reino, não significa que ele anuncia somente esta Salvação e este Reino, ou que ele mostra o caminho. Mais ainda, ele é a realização. Ele é o Emanuel, o Deus conosco, e é isto que é o Reino.

Eis porque Jesus não revela somente Deus pelas suas palavras e seu ensinamento, mas pela totalidade de sua vida e de seu mistério. Pelo Cristo Deus se entrega ao mundo. Jesus é Palavra Viva de Deus, a Palavra incarnada, o Verbo feito carne, Imagem do Pai.

As palavras pronunciadas por Jesus não são a parte mais importante de sua mensagem. Sua presença entre nós é mais eloquente; sua maneira de agir também. Assim que ele age, a realidade que ele significa manifesta sua presença. Eis como queremos dizer que Jesus é **sinal indelével**.¹⁷

Jesus voltado para o Pai

O que é significado é sempre mais importante do que o sinal. Quando uma mãe beija o seu filho, é o amor que tem mais valor do que o gesto que o acompanha.

¹⁶ Idem, p. 93.

¹⁷ Idem, p. 26.

Analogamente, Jesus diz dele mesmo que não é o fim, mas o *caminho*. Para ir até o Pai, tem que passar por ele. Podemos dizer que Jesus elimina-se constantemente perante seu Pai.

O evangelho de João gosta de colocar em evidência este comportamento de Jesus: *As palavras que pronuncio não são minhas, mas as de meu Pai que me enviou. E ainda: É o Pai, que habita em mim, que realiza suas próprias obras* (João 14,10 e 24).

A cena mais significativa a este respeito é aquela onde João conta a *manifestação* de Jesus a Maria Madalena após a ressurreição. Jesus destaca Maria dele próprio; ele recusa que ela o detenha de certa forma como prisioneiro; ele a orienta em direção ao Pai: *Não me detenhas porque ainda não subi para meu Pai. Mas vai ter com os meus irmãos e diz-lhes que vou subir para meu Deus, que é seu Deus* (João 20,17).

Jesus vai mesmo até dizer: *O Pai é maior do que eu* (João 14, 28). Esta diminuição do Cristo, sua supressão perante o seu Pai é uma parte importante de seu mistério.

Esta atitude é o que permite realmente dizer que ele quer ser sacramento de Deus.

Jesus nos leva no seu seguimento num movimento em direção ao seu Pai. Eis a razão porque a prece litúrgica da Igreja não se dirige geralmente ao Cristo, mas é, de preferência, uma prece feita **ao Pai, pelo Filho, no Espírito**.¹⁸

Jesus servidor

Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho (João 3,16). Jesus não vive por ele próprio, mas para que o mundo seja salvo. Ele afirma: *Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância* (João 10,10).

O Cristo não guardou zelosamente o nível que o igualava a Deus. Ele despiu-se.... Ele se fez servidor (Fl 2, 6-7). Ele é **servidor** de Deus, naturalmente, mas ao mesmo tempo servidor de seus irmãos para dar-lhes a vida revelando o Pai.¹⁹

¹⁸ Idem, p. 26.

¹⁹ Idem, p. 27.

JESUS E SEU PAI

<p>Aquele a quem Deus enviou diz as palavras de Deus, que lhe dá o Espírito sem medida.</p> <p>O Pai ama o Filho e pôs todas as coisas em suas mãos. (João 3,34-35)</p>	<p>Eu nada posso fazer por mim mesmo: eu julgo conforme ouço e meu juízo é justo porque não busco a minha vontade, mas a vontade d'Aquele que me enviou. (João 5,30)</p>
<p>O meu alimento é fazer a vontade d'Aquele que me enviou e realizar a Sua obra. (João 4,34)</p>	<p>Meu ensinamento não vem de mim, mas d'Aquele que me enviou.</p> <p>Aquele que fala de si mesmo procura a própria glória; mas, quem procura a glória de quem O enviou, esse é verídico. (João 7, 16-18)</p>
<p>Em verdade, em verdade vos digo: não pode o Filho fazer nada por si mesmo; ele só faz o que vê fazer o Pai.</p> <p>Tudo quanto o Pai faz, o Filho também o faz igualmente. O Pai ama o Filho e mostra-lhe tudo quanto faz; mostrar-lhe-á obras maiores do que estas, de modo que ficareis admirados.</p> <p>Assim como o Pai ressuscita os mortos e lhes dá vida, assim também o Filho dá vida àquele que quer. (João 5, 19-22)</p>	<p>As palavras que eu vos digo, não as digo por mim mesmo!</p> <p>Ao contrário, é o Pai que está em mim, que faz as obras. (João 14, 10)</p> <p>A palavra que ouvistes não é minha, mas do Pai que me enviou. (João 14,24)</p>

A partir das frases precedentes, ou outras de mesmo contexto encontradas no evangelho de João, podemos perceber como Jesus fala da relação que o une ao Pai. Assim compreendemos melhor como podemos dizer que Jesus é o “sacramento do Pai”. Ele manifesta as obras de seu Pai; não reivindica a glória para ele mesmo.²⁰

O mundo precisa que Deus se manifeste, que a ação de Deus se torne visível, que tome corpo nas realidades de nossa vida. Eis o que realiza qualquer sacramento.

Num olhar sobre Jesus Cristo podemos reter esses três componentes:

- ▶ Jesus é sacramento, pois está na presença efetiva de Deus na vida do mundo. Nisto ele é verdadeiramente um sinal indelével.
- ▶ Jesus é sacramento porque indica sempre seu Pai como a fonte de sua obra, como o termo de seu caminho. Nisto ele é o anúncio do Evangelho.
- ▶ Jesus é sacramento porque traz vida ao mundo. Nisto ele é presente na salvação.

A IGREJA, SACRAMENTO DO CRISTO

A visibilidade de Deus em Jesus de Nazaré teve apenas um tempo. Para os homens de nossa época, Jesus é quase tão distante quanto Deus. Não podemos *vê-lo, tocá-lo*.

A missão da Igreja é prolongar a missão do Cristo, de assegurar a continuidade de sua visibilidade no desenrolar da história. Por esta razão, o Concílio diz: *Ressuscitado dos mortos, Jesus enviou sobre seus apóstolos seu Espírito de vida e com ele constituiu seu Corpo que é a Igreja como o sacramento universal da salvação* (Vaticano II, *Lumen Gentium*, 48).

Que a Igreja é sacramento, o que significa isso?

O Cristo é para o mundo o sacramento de Deus, da mesma forma que a Igreja é para o mundo o sacramento do Cristo. *Em virtude de uma analogia que não é sem valor, compara-se a Igreja ao mistério do Verbo encarnado. Assim como a natureza assumida serve ao Verbo divino de instrumento vivo de salvação... assim também a estrutura social*

²⁰ Idem, p. 27.

que constitui a Igreja serve ao Espírito de Cristo que a vivifica para o crescimento do corpo (Vaticano II, Lumen Gentium 8).

Os três componentes apresentados quando descortinamos o Cristo-sacramento devem ser encontrados em nossa maneira de considerar a Igreja.

A Igreja, presença do Cristo

Ide, pois, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Santo Espírito, ensinando-as a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E eu estarei sempre convosco, até o fim do mundo (Mt 28,20).

É assim que Jesus ressuscitado dirige-se aos seus apóstolos. Mas ele já havia dito: *Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei em meio deles (Mt 18,20).*²¹

O evento fundador da tradição Bíblica é a saída do Egito do povo conduzido por Moisés. Esta saída, este Êxodo, é considerada como uma liberação, uma passagem da escravidão à liberdade. Torna-se uma ação típica de Deus. Ele é a imagem da salvação.

O Deus da Bíblia é sempre considerado Deus Salvador. Ele é o Deus que liberta. Mas libertar em hebraico significa *fazer sair*.

A imagem é linda, o linguajar forte: o Homem, este ser resultando da argila, necessita perpetuamente *sair*, ou melhor dizendo, se libertar. A liberdade não é dada prontamente, ela é um nascimento. Nesse perpétuo nascimento do Homem, Deus está ao seu lado, a fonte da liberdade que o homem procura atingir incessantemente.

Perante a história, Jesus é um homem livre e testemunhamos que o Espírito que ele nos dá é fonte de verdadeira liberdade.

Pois aí está a salvação: libertar-se dos ídolos, quaisquer que sejam (dinheiro, poder, violência, aparecer, dominação), e, sem dúvida, muito mais: se libertar de si mesmo e deste mundo fechado que reconstruímos sem cessar.

O Corpo do Cristo é o lugar onde o Espírito nos chama para nos conduzir aos caminhos da liberdade.

²¹ Idem, p. 28.

Pedro, no dia seguinte de Pentecostes, após curar o paraplético em nome de Jesus Cristo, proclama: *Não há debaixo do céu qualquer outro nome dado aos homens que nos possa salvar* (At 4,12).

Assim como Jesus não se contenta em falar do Pai, mas que ele é presença de Deus no meio dos homens, assim também a Igreja não pode se contentar em contar a vida de Jesus e transmitir o seu ensinamento; ela deve ser o lugar onde a presença do Ressuscitado é reconhecida e acolhida.

Então ela se torna **sinal eficaz**, sacramento do Cristo.

Não é suficiente revelar a face de Deus pelas suas palavras; ela deve fazê-lo, como Jesus, por meio de seu ser; nela é o próprio Cristo que se dá.

Ela não é apenas o anúncio do Reino; ela já é o lugar onde se realiza o Reino.

A eficácia da Igreja não vem dela própria, mas do Espírito dado a ela: *Aqueles cuja vida transformou-se penetram em uma comunidade que é, ela mesma, um sinal de transformação, sinal de nova vida; é a Igreja, sacramento visível da salvação* (Paulo VI: Anúncio do Evangelho, 23).

A Igreja, testemunho de Jesus

A Igreja não é o objetivo; ela é o caminho.

Não tem outra função, a não ser mostrar um caminho distinto, designar Jesus Cristo como o salvador do mundo e que a salva de seu próprio pecado. Ela conduz os homens ao Cristo, que os conduz para o Pai.

Ela é somente o Corpo cuja Cabeça é o Cristo.

Como Cristo, as palavras não são suas, mas de quem as enviou. Ela não faz suas obras, mas as obras de seu Senhor.

Eis o que obriga a Igreja sempre a se apagar perante aquele que é a Cabeça do Corpo. Meio de salvação, ela é muito mais um sinal de salvação para o mundo.

Nela realiza-se, em parte, o Reino, mas não pode confundir-se com o Reino. Ela é ao mesmo tempo salva e salvadora. Tem nela a santidade, aquela que Deus lhe dá; todavia, nela existe também o pecado, pois é constituída de homens pecadores.

Fala-se, às vezes, de luta contra certo *triumfalismo* da Igreja. Este triunfalismo acontece quando os cristãos creem que colocar a Igreja na frente é mais importante do que mostrar o caminho para Deus. Esquece-se que sua comunidade é somente um caminho e não o objetivo.²²

Esta sempre foi a grandeza do povo da Aliança: proclamar uma Palavra que o julga, ao mesmo tempo que julga o mundo.

O mesmo se aplica aos cristãos.

De fato, o Evangelho que anunciamos denuncia tanto nosso pecado como o pecado de cada homem. Carregamos esta Palavra, mesmo quando somos incapazes de escutá-la ou colocá-la em prática.

No íntimo de nossa fraqueza continuamos a designar Jesus Cristo como fonte de toda força, toda justiça, toda verdade.

A Igreja é apenas o sacramento de Jesus Cristo.

A Igreja, servidora

A Igreja não pode fechar-se sobre ela própria. Somente tem sentido enquanto testemunho da Boa Nova. É dada por Deus ao mundo como o Filho é dado pelo Pai.

Para realizar sua missão, ela deve se fazer *serva*, como o Senhor se fez *servidor*. Assim como Jesus só se fez servidor de seu Pai ao se fazer também servidor de seus irmãos, assim também a Igreja só pode servir a Deus quando se coloca a serviço dos homens.

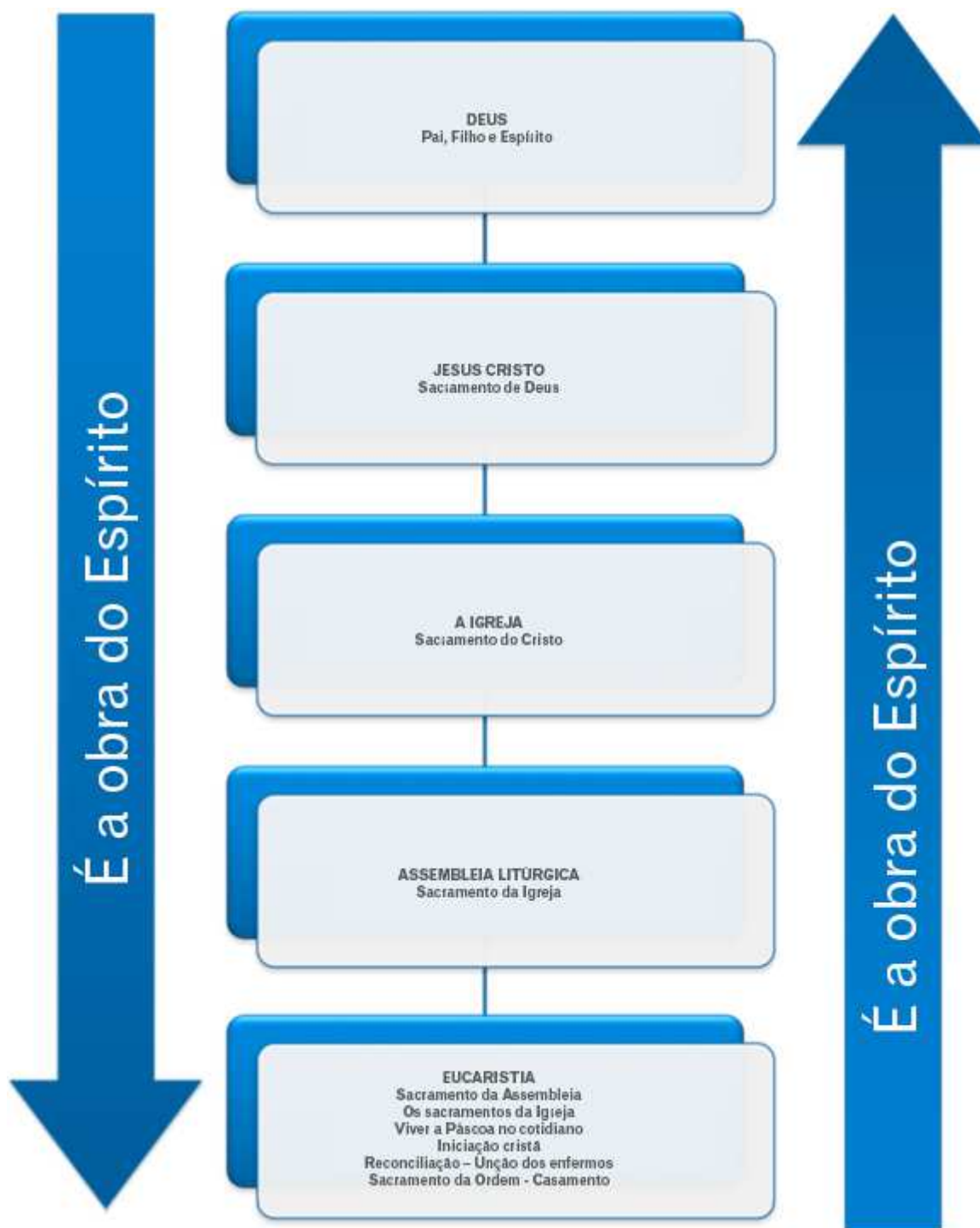
Toda a comunidade cristã confronta-se com as seguintes perguntas:

- ▶ Qual é a parte de seus recursos, de suas forças e de seu tempo voltados para ela mesma, e qual é a parte que serve o homem?
- ▶ Ela seria um clube para o autoconsumo de seus membros ou teria a preocupação de ser o fermento na massa, luz para os povos da terra?

²² Idem, p. 29.

Durante os séculos de sua história houve períodos em que a Igreja fechou-se sobre si mesma, preocupada com os debates internos, e períodos em que ela se preocupou em anunciar o Evangelho, com o risco de maior pobreza. Eram então os grandes períodos da Igreja.²³

DEUS SE REVELA AO MUNDO



²³ Idem, p. 30.

No sentido da **flecha descendente**, a cada etapa nós nos aproximamos da vida cotidiana. Deus se torna visível na História. Mas, cada vez o campo diminui.

Seguindo a **flecha ascendente**, é a vida do homem que retorna, de etapa em etapa, em direção à revelação da verdadeira face de Deus.

A vida sacramental executa constantemente este movimento duplo: Deus vem em direção ao homem e o homem vai em direção a Deus.

Jesus, pela sua Igreja, aparece então verdadeiramente como o caminho que une o homem a Deus.

Como fizemos em relação a Jesus de Nazaré, retemos nosso olhar sobre a Igreja sacramento tendo em consideração os três seguintes componentes:

- ▶ A Igreja é sacramento quando o Espírito acolhe e vive a presença de seu Senhor. Então o Espírito faz dela um sinal eficaz.
- ▶ A Igreja é sacramento quando se apaga perante seu Senhor e Mestre. Ela o designa como a Cabeça do Corpo. Ela anuncia o Evangelho de Jesus Cristo.
- ▶ A Igreja é sacramento quando não gira ao redor de si mesma, mas aceita desempenhar seu papel de servidora do mundo. Ela executa a salvação.

OS SACRAMENTOS DA IGREJA

A própria Igreja não é visível... Os cristãos estão espalhados pelo mundo onde, como diz um dos mais antigos escritos cristãos, intitulado *Epístola a Diogneto* (2º século): *eles vivem nas mesmas casas que os outros, têm as mesmas profissões, se vestem como todo mundo.*

São visíveis como cristãos se tiverem a coragem de confessar, em suas vidas, a fé no Senhor Jesus. É justamente a isso que os sacramentos da Igreja os chamam.

Dissemos que existem **sete sacramentos**.

Sete, sendo um número com valor simbólico muito forte, já é uma maneira de expressar que a vida inteira deve se tornar sacramental.

Confessar a fé no Senhor Jesus não impede de levar a mesma vida que os demais; mas é também levá-la de maneira diferente. Como Jesus que viveu nossa vida de homem e, no entanto, a viveu de maneira nova. *Se alguém está dentro do Cristo, ele é uma criação nova; o ser antigo desapareceu, um novo ser está aqui.* (2 Co, 5,17).

Existem sete sacramentos, mas podemos estabelecer entre eles certa hierarquia.

No centro colocamos a eucaristia como sacramento do Corpo do Cristo; o sacramento da Igreja.

Batismo, confirmação e primeira comunhão são chamados de “Sacramentos de iniciação”; eles são como o caminho que conduz à eucaristia. Eles criam a vocação comum de todos os discípulos do Cristo, vocação à santidade e à missão de evangelizar o mundo. Eles conferem as graças necessárias para a vida segundo o Espírito nesta vida de peregrinos caminhando em direção à pátria celeste (CIC, 1533).

Os sacramentos da penitência e da reconciliação são chamados de “sacramentos de cura”. O Senhor Jesus, médico de nossas almas e de nossos corpos, ele que redimiu os pecados do parálítico e devolveu-lhe a saúde do corpo, quis que a sua Igreja continuasse, na força do Espírito Santo, sua obra de cura e de salvação perante seus próprios membros. É o objetivo dos dois sacramentos de cura. (CIC, 1421).

Os sacramentos da ordem e do casamento são ordenados à salvação de outrem. Se contribuírem igualmente à salvação pessoal, isso se efetua através do serviço dos outros. Eles conferem uma missão particular dentro da Igreja e servem para a edificação do Povo de Deus. (CIC, 1534).

O primeiro dos sacramentos da Igreja é, portanto, a eucaristia. Quando a comunidade se reúne em volta da mesa do Senhor, ela se torna visível. É também o lugar e o momento onde ela se manifesta na realidade de seu próprio mistério, Corpo do Cristo reunido pelo Senhor que é a Cabeça.

Podemos, portanto, dizer que se Jesus for o sacramento do Pai, a Igreja é o sacramento de Jesus Cristo e a Assembleia eucarística é o sacramento da Igreja.

Cada uma dessas realidades corresponde bem à noção do sacramento que damos, mas cada uma à sua maneira.

Os sacramentos, presença do Espírito

O sacramento não é uma linguagem pura, usada pelos cristãos para anunciar Jesus Cristo. Não é uma declaração de intenção ou uma proclamação; é um tempo e espaço no qual o homem acolhe o Espírito e aceita que o mesmo faça sua obra. Então ele possibilita a manifestação da face de Deus na vida do homem. Esta presença do Espírito nos leva a falar do **sinal eficaz**.

Compreendemos que, antes de ser uma cerimônia religiosa, o sacramento é uma realidade na vida do homem.

A reconciliação não se passa primeiro num confessionário; ela é a reconciliação dos homens entre si, a reconciliação com Deus. Acolher o Espírito para ser capaz de viver uma existência reconciliada, eis o sacramento.²⁴

Igualmente, o sacramento do casamento não está limitado a uma cerimônia na Igreja. Quando um homem e uma mulher decidem estabelecer uma aliança e de vivê-la na fé, na luz da Palavra de Deus e sob a influência do Espírito, eles acolhem e vivem o sacramento. Seu compromisso torna-se sacramental.

Da mesma forma quando um membro da comunidade vive sua doença e seu sofrimento como um caminho de fé, quando acolhe o Espírito em sua própria vida, ele vive o sacramento dos enfermos.

O batismo não se limita a uma cerimônia mais ou menos solene; ele se estende sobre a vida inteira vivida como uma Páscoa, dentro do mistério da morte e da ressurreição do Senhor.

No sacramento, Deus se dá; se dá para que possamos conhecer as verdadeiras realidades de nossa vida; “ele se dá a ver”.

No sacramento, o Cristo, através de sua Igreja, entrega o seu Espírito para que carreguemos a sua imagem e vivamos a sua vida.

Eis porque os sacramentos não são somente para *receber*, como diz a linguagem popular; “eles são para *viver*”.

²⁴ Idem, p. 32.

O sacramento, submissão ao Espírito

Como Jesus, que nos conduz para o Pai, como a Igreja que se apaga perante seu Senhor, da mesma forma o sacramento testemunha uma riqueza que provém de outrem. Ele é o acolhimento do Dom de Deus, do Espírito Santo.

Assim sendo, quando um homem e uma mulher se comprometem no sacramento do casamento, eles não têm a pretensão de se colocarem como modelo, como se realizassem plenamente a Aliança de Deus com o seu Povo. Eles reconhecem simplesmente que a aliança que irão viver é a imagem da mesma. Eles desejam acolher o Espírito para que Deus possa realizar neles o mistério de seu amor.²⁵

Analogamente, quando a Igreja se reúne para a eucaristia, ela não é proprietária daquilo que celebra; ela anuncia a chegada de Outro, distinto dela própria, e dá graças por esta chegada.

O sacramento só pode ser vivido em verdade por aqueles que aceitam ser pobres. *Que tens tu que não hajás recebido, e se o recebeste, por que te glorificas?* disse São Paulo (1 Co 4,7).

O sacramento nos coloca numa situação de humildade, porque ele é a acolhida de alguém maior do que nós. Ele nos convida a dar graça, isto é, a devolver para Deus o dom que Ele nos fez.

É o contrário da atitude do fariseu do Evangelho que encontra justiça dentro dele mesmo.

Os sacramentos, serviço ao mundo

Os cristãos não são consumidores de sacramentos para se enriquecerem. Eles se posicionam como servidores.

Não se recebe o Cristo para guardá-lo, mas sim para dá-lo ao mundo. Não se casa na Igreja *para estar em ordem*, mas para aceitar a missão de manifestar ao mundo a fé ao Deus da Aliança.

Por falta de compreender isso, opõe-se às vezes *sacramento e anúncio do Evangelho*, enquanto os sacramentos são “a fonte e o cume da vida da Igreja”, inclusive sua missão.

²⁵ Idem, p. 33.

É insuficiente dizer que eles são uma força que permite anunciar o Evangelho. Eles são a própria forma que toma este anúncio.

Quando perdoou meu irmão, eu me torno sacramento de perdão; eu revelo a face de Deus que perdoa como Jesus o fez.

Esta visão missionária dos sacramentos é, sem dúvida, o que mais falta aos cristãos.

Não podem descobri-la se os sacramentos são apresentados somente como meios de salvação. Eles são, de fato, meios de salvação, mas salvação do mundo. Eles são revelação de Deus, presença de Deus em nossa história.

Somente a contemplação de Jesus *Servidor* pode curar os cristãos de tal mutilação. Vivendo os sacramentos, eles devem saber que se tornam eles mesmos servidores.

Encontramos para os sacramentos os componentes já revelados por Jesus e pela Igreja:

► Todo sacramento significa **presença do Espírito** na vida de um crente. É por isso que podemos dizer que é **sinal eficaz**.

► Todo sacramento nos faz designar o **Espírito como fonte** de nossa ação. Nisto ele **anuncia o Evangelho**.

► Todo sacramento nos ordena ao serviço de nossos irmãos. Nisto ele contribui para a **salvação do mundo**.

Começamos a perceber a riqueza da noção do sacramento.

Fazemos parte de Jesus Cristo e de sua relação com Deus Pai.

Em seguida, consideramos a Igreja e sua relação com o seu único Senhor.

Mas tudo isso tem apenas um objetivo: permitir-nos dar à vida do homem sua plena dimensão.²⁶

²⁶ Idem, p. 34.

PERGUNTAS PARA APROFUNDAMENTO SOBRE OS FUNDAMENTOS DA DISCIPLINA SACRAMENTAL:

- 1) A Igreja é sacramento do Cristo da mesma forma que o Cristo é, ele próprio, sacramento do Pai, fazendo-se servidora de seus irmãos e irmãs. Quais são as mudanças que esta afirmação sugere para a vida de nossas comunidades cristãs?
- 2) Como celebrar os sacramentos sendo testemunha de Jesus Cristo?

MESA 3: FÉ, RITOS, SÍMBOLOS, MEMORIAL

A FÉ

A fé é primordial. Nada desta atividade sacramental existiria sem ela.

Os batismos em Pentecostes aconteceram porque o discurso de Pedro suscitou a adesão dos ouvintes: *O que havemos de fazer? Convertedei-vos e que cada um receba o batismo* (At 2, 37-38).

A fração do pão nas casas aconteceu porque os discípulos queriam fazer memória do Senhor vivo.

O episódio de Emaús, mencionando que o Senhor desapareceu da presença de seus discípulos quando os mesmos o reconheceram na fração do pão, é uma confirmação surpreendente.

Não se pode crer, se vemos, pois então a fé não tem razão de ser. É porque não vemos que somos levados a crer.

AS DIVERSAS DIMENSÕES DO SÍMBOLO SACRAMENTAL

O sacramento, no sentido mais amplo, é, portanto, uma realidade humana que realiza e manifesta uma intervenção de Deus em nosso mundo para a salvação dos homens.

Ele tem uma face visível, **o significante**, e uma face invisível, **o significado**.

Como realidade mundana, ele é objeto de análises racionais; como realidade divina, ele é objeto de fé.

É importante, contudo, não justapor as duas realidades, mas perceber que se atinge o significado pelo significante. A realidade visível é vista na fé como ação salutar de Deus.²⁷

Humanamente, os sacramentos fazem parte do universo do rito e do símbolo.

- ▶ São realidades complexas; leva tempo para decifrá-las.
- ▶ São realidades ricas: mesmo com a melhor das análises, elas jamais serão esgotadas.

²⁷ BEGUETIEZ, Philippe e DUCHESNEAU, Claude. **Pour vivre les sacrements**. (Para viver os sacramentos). Ed. De Cerf, Paris, 1991, 2e. édition, p.71. Citando Mg R. Coffy. **A Igreja**. Desclée, p. 32.

- ▶ São realidades desconhecidas, contestadas (o rito não tem sempre boa publicidade!): devem ser reabilitadas.
- ▶ São realidades que dizem respeito ao que tem de mais profundo no homem: compreendê-las melhor significa conhecer melhor o homem.
- ▶ São realidades que o Senhor escolheu a fim de que sua presença seja mantida em nosso meio: compreender os desafios depende da vida de nossa fé.²⁸

O rito

O rito é uma operação (ação) social, programada, repetitiva e simbólica que, por meios que colocam em risco o domínio do irracional e do sensível, visa estabelecer uma comunicação com o oculto (o misterioso, o sagrado).

- **O rito é uma operação (ação).**

É um agir, uma iniciativa. É algo que fazemos.

Não são sentimentos nem estados da alma: noivos se casam porque se amam, mas não é porque se amam que eles estão casados.

O rito não é tampouco a “rubrica” que é somente a prescrição referente ao cumprimento do rito. Ritualismo e rubrica são desvios repreensíveis, mas cuja existência, aqui ou acolá, não deve destruir a necessidade nem a grandeza do rito.

- **O rito é uma operação (ação) social.**

É algo que não se faz só. Não se brinda sozinho!

E se por acaso o fazemos sozinho (rito funerário no túmulo de um defunto, marchas e andares de um peregrino solitário...), é justamente para já não sê-lo e entrar em relação com...

²⁸ Idem, p. 72 a 74.

- **O rito é uma operação (ação) programada.**

O que deve ser feito é previsto e deve ser cumprido como previsto para obter o efeito desejado, isto é, para que haja rito.

O rito do batismo visa a produzir a integração de um indivíduo ao Cristo e à Igreja. Neste ponto ele é codificado. Devemos, de fato, saber no fim do rito se o indivíduo foi efetivamente batizado ou não, integrado ou não.

Nisto o rito é conservador. Mas ele é também protetor e “democrático”.

Não é inventado, e não é objeto de criatividade em seus elementos fundamentais. Mas ele é protetor contra o imprevisto e preserva a tomada dos poderes abusivos.

- **O rito é uma ação repetitiva**

Por ser previsto, programado, o rito somente existe quando se repete, é dado com consentimento prévio no qual devemos entrar se desejamos obter seu efeito.

É evidente que um defunto morre uma só vez, mas os ritos funerários não são inventados apenas para ele. Entramos, neste caso, na longa cadeia dos acontecimentos quando um homem morre. Sem muita visão, esta repetitividade pode parecer como fraqueza. Porém, olhando mais atentamente, ela revela a dimensão surpreendente do rito.

Por ser repetitivo, o rito diz: o homem não é um homem só; sobretudo, ele é realmente homem quando se integra à humanidade que é mais do que ele.

Pelo rito o indivíduo recebe sua identidade humana fora de si e nela adere, integrando-se (seria útil especificar que todas essas observações tomam uma dimensão ainda maior quando se trata dos ritos cristãos que são sacramentos?)

- **O rito é uma ação simbólica**

Atrás da repetição social do rito esconde-se seu caráter simbólico.

Analisaremos mais adiante o significado do símbolo, mas podemos desde já anotar que o rito é uma ação que associa, reúne. Ele não existe por si só, mas pela relação que ele permite que ele estabeleça.

Ele é necessário; porém, não tem finalidade nele próprio. Não se batiza pelo rito do batismo, mas pelo que esse rito produz.

Ou, então, satisfaz-se justamente o desvio ritualista pela única realização conforme o rito, ou o desvio “sociológico” que desrespeita o efeito; porém, é necessário que o rito seja cumprido socialmente.

- **O rito é uma ação do campo do irracional**

O antropólogo Claude Lévi-Strauss diz, sobre os ritos, que devemos ver neles: *o meio de tornar imediatamente perceptível certo número de valores, que tocariam menos diretamente a alma se nós nos esforçássemos para fazê-los penetrar por meios unicamente racionais* (Journal “La Croix”, 24-1 – 1979).

Não é essa a razão porque se usa água no batismo e não somente uma profissão de fé?

O símbolo

O termo que significa símbolo implica sempre a concentração de duas metades, disse G. Durant.

A palavra vem do grego *sum-baleïn*, que significa: colocar com, reunir (seu exato oposto é *o diabo*, que divide!)

O símbolo era um procedimento usado na Antiguidade por duas cidades ou países aliados. Quebrava-se uma peça redonda em terracota e cada cidade ficava com uma metade.

Quando uma cidade quisesse comunicar uma mensagem à sua aliada, ela dava sua metade ao mensageiro, que levava a notícia, e se, chegando à outra cidade, a metade levada pelo mensageiro “juntava-se” bem com a outra, havia certeza de que o mensageiro vinha da cidade aliada e não era um espião.²⁹

²⁹ Idem, p. 74.

O papel do símbolo

É numa ação simbólica, em que uma criança usa um objeto transicional para continuar a se “reunir” à sua mãe ausente.

Devemos agora nos alongar em nossa análise do símbolo, de sua constituição e de seu papel.³⁰

A ausência real

A vida do homem, e em especial sua vida religiosa, tem a particularidade de sempre fazer alusão às realidades totalmente existentes; porém, e ao mesmo tempo, completamente ausentes da percepção sensível do seu falante: a justiça existe, a liberdade, a pátria e o amor existem, mas são realidades abstratas que nenhum sentido humano pode tocar, senão por intermédio dos que os representam.

Analogamente e ainda mais na vida religiosa. Os crentes sabem que a graça existe, que o perdão e a comunhão existem, mas são realidades cujas experiências sensíveis são indiretas, por meio da água, do pão, tal gesto...

E Deus?

Ele não é também tão real e cruelmente ausente de nossa vista, de nossa audição, de nosso tato? *Deus, ninguém jamais O viu* (1João 1,18).

Ora, o homem não é somente cérebro: ele é corpo, coração e espírito, e nada de importante poderá atingi-lo, se a totalidade de seu ser não for apoderado/dominado: o corporal deverá ser espiritualizado (o trabalho, o tempo, a sexualidade...); o espiritual deverá ser corporalizado!

É aqui que aparece o símbolo, uma forma de corporalizar tudo que o existe no campo do espírito.

³⁰ Idem, p. 76.

Existem várias formas de sinais

- ▶ Os sinais naturais que o homem não inventa: eles lhe são dados naturalmente quando as condições físicas solicitadas estão presentes: a fumaça, sinal de fogo, o rasto, sinal de passo...
- ▶ Os sinais convencionais escolhidos e organizados pelo homem em um código: sinais de cortesia, sinais de trânsito...
- ▶ Os sinais simbólicos: poderemos quase dizer que o homem não inventa sua materialidade (não se inventa a água!), mas ele define e codifica a maneira de usá-la para obter um sentido maior e mais rico do que o inicial (a água não é somente um elemento para saciar a sede ou permitir o desenvolvimento; há meio de usá-la tendo por significado o dom da vida ou a purificação).

Quando o homem deseja entrar em contato com alguém longínquo (e, melhor dizendo, ausente) ou dar-lhe uma informação, ele irá colocar em jogo todo um sistema de comunicação por sinais proporcionais à distância que o separa: sinais sonoros (interpelação), sinais gestuais, sinais luminosos, telefone, cartas...

No caso de sinais de cortesia, a outra pessoa está presente, mas o fato de usar sinais (cumprimentos, aperto de mãos, saudações, abraços...) revela que a outra pessoa, mesmo presente, está sempre de qualquer forma “distante”, por ser outro, isto é, diferente.

E o que dizer quando o outro é o Todo-Poderoso!

O sinal é sempre um meio de comunicação.

- O símbolo é também um meio de comunicação, mas uma comunicação que alcança a comunhão, já que tem a função de unir.
- Com os outros sinais, o símbolo tem em comum que seu ponto de partida é sempre um elemento fisicamente sensível.
- Como os outros sinais, o símbolo usa este elemento fisicamente sensível para indicar a existência de outra coisa invisível e que, portanto, é ausente dos sentidos.
- Mas, ao passo que, por esse procedimento, os sinais naturais e convencionais indiquem a existência oculta de outro elemento sensível (o fogo, o cruzamento), o

símbolo se reverte para uma realidade totalmente diferente: uma realidade que jamais será fisicamente sensível, porque ela é por natureza abstrata, imaterial, espiritual: a justiça, a pátria, a graça...

Assim, o símbolo (objeto simbólico) é como a metade material de uma realidade imaterial que o homem (corpo e espírito) não pode apreender, a não ser pela operação que os une.

Compreende-se também que o verdadeiro símbolo não é tanto o objeto preciso que parece, de um lado, pela maneira como é utilizado e, de outro lado, o “trabalho”, que ele cumpre no ser.

A um símbolo corresponde sempre a uma ação simbólica externa (ver, sentir, tocar, entender, provar) e interna (impressões, emoções, apreensões, admiração...).

Se a ação externa limita-se ao ato que a produz (soltar um fogo de artifício), a ação interna é ilimitada, totalmente aberta (o efeito do fogo de artifício não pode ser medido).³¹

A função simbólica é a capacidade possuída pelo homem de saber que existe um real que é distinto (outro) dele e de representar este real, apesar de estar ausente dele (conforme Jacques Lacan).

Chamo de símbolo toda estrutura de significação onde um sentido direto, primário ou literal designa por acréscimo outro sentido indireto, secundário ou figurativo que não pode ser compreendido, a não ser através do primeiro.

Antoine Vergote acrescenta que o simbolismo religioso constitui como que um piso ou um nível a mais.³²

³¹ Idem, p. 77.

³² Idem, p. 78. Conforme Paul Ricoeur. **Le Conflit des interprétations**. Seuil, p. 16. E também Antoine Vergote. **Interprétation du langage religieux**. Seuil, p. 70.

EXPLICAÇÃO LINGUÍSTICA DO SÍMBOLO

ESTRUTURA DE SIGNIFICAÇÃO

Símbolo religioso	Vínculo sacramental	Sentido indireto da palavra: “vínculo” que se baseia no simbolismo humano, o mesmo baseado no sentido direto da palavra.
↑ Símbolo humano	Vínculo matrimonial	Sentido indireto da palavra: “vínculo” que, baseando-se no sentido direto, significa o que acontece no homem e na mulher que estão ligados pelo casamento.
↑ Materialidade de um ato	Vínculo	Sentido direto da palavra: que designa o ato material de se ligar.

SÍMBOLOS, RITOS E SACRAMENTOS

Por si só a antropologia não poderá dizer o que são os sacramentos. É a fé que o fará e a teologia prestará contas.

Como os sacramentos são atos humanos (têm uma “face visível” como disse MgrCoffy), a antropologia pode decifrar a parte humana que os compõe.

Percebe-se que a maneira pela qual a Igreja procede com os sacramentos põe em risco o símbolo e o rito. A Igreja recorre aos fundos comuns da humanidade, mas os evangeliza, dando-lhes significados e efeitos específicos.

Afinal, símbolos e ritos, no regime cristão, adquirem um sentido e uma eficácia que não são mais da competência da ciência, mas da fé, já que se tornam o lugar de ação de Deus.

Ainda devemos dizer, no caso dos sacramentos, que Deus não se interpõe sem a mediação humana.³³

O MEMORIAL

A fé, dádiva de Deus, e o rito, ação humana, conjugam-se para atingir o memorial.

O memorial baseia-se em um evento passado (a morte e a ressurreição do Senhor Jesus) para afirmar sua eficácia permanente, revivendo-o pela ação simbólica do rito e anunciando seu futuro cumprimento.

Como homens, os primeiros cristãos não conseguiram continuar sua relação com o “Invisível Vivo”, a não ser pela mediação visível dos ritos memoráveis do batismo e da fração do pão.

Não são ritos por eles inventados, mas eles davam graças ao Cristo e ao Espírito Santo, um significado e um conteúdo absolutamente novos.

Esta maneira nova de servir-se dos ritos antigos consistia, como Jesus havia solicitado (daí a instituição), não somente para lembrar-se do “desaparecido” (ver Emaús), mas para “fazer isto em memória dele”, ou seja, permitir ao Jesus Vivo continuar a agir entre eles, beneficiando-os da Páscoa historicamente passada, mas misticamente sempre atual.

³³ Idem, p. 79.

É somente a respeito da eucaristia que Jesus disse: “*Façam isto em memória de mim*”, mas o batismo e todos os outros sacramentos são tanto um memorial da Páscoa quanto o “Pão partido”.

Estabeleceu-se assim o que foi chamado de núcleo fundador da vida sacramental da Igreja. Este núcleo não havia recebido um nome além dos dois atos de sua constituição, o batismo e a fração do pão (*Ceia do Senhor*, 1 Co 11,10; Paulo que é, cronologicamente falando, foi o primeiro a falar da eucaristia).

Contudo, ao seu lado constatamos a presença de certo número de ações que atendiam a vida de fé das primeiras comunidades. Mas sua prática permanece no maior vácuo histórico e, além disto, não existe ainda um nome preciso para designá-las e, sobretudo, nenhuma noção teológica (igual ao sacramento) para reuni-las.

Viver do Cristo e com ele todas as situações da existência é a única preocupação dos primeiros cristãos.³⁴

PERGUNTAS PARA APROFUNDAMENTO “FÉ, RITOS, SÍMBOLOS E MEMORIAL”

- 1) Levando em conta as realidades culturais de nosso tempo, seria o momento para desenvolver outros ritos que melhor corresponderiam à fé dos nossos contemporâneos?
- 2) Que lugar tem os ritos e os símbolos na sua vida pessoal, de casal, de família?
- 3) Quais são as “mediações” que vocês podem observar hoje, na sua vida de fé? Como elas se manifestam?

³⁴ Idem, p. 84.

MESA 4: BREVE APRESENTAÇÃO DOS SACRAMENTOS HOJE

A EUCARISTIA

A renovação litúrgica começou bem antes do Concílio Vaticano II. Esse assegurou o esforço empreendido durante vários anos.

O Papa Paulo VI, em sua introdução do Missal Romano, fala de quatro séculos de progresso nas ciências litúrgicas. O Concílio de Trento, concluído em 1563, solicita retornar à riqueza testemunhada nas tradições antigas. Iniciou-se então o trabalho. Seguiu-se nos séculos 17 e 18 graças ao trabalho dos abades beneditinos.

Para o período mais recente, podemos citar os nomes de Dom Guéranger (1840) e Dom Lefevre (1920).

Desde 1948, o Papa Pio XII criou uma comissão para a reforma litúrgica, que começou pela restauração da Vigília Pascal.

Ao tomar conta do trabalho realizado e das orientações sugeridas pelos papas precedentes, o Vaticano II deu vida ao conjunto dos fieis, o que era ainda o privilégio de círculos restritos. Ele quis que a eucaristia fosse a fonte e o cume da vida da Igreja.

Podemos enumerar os quatro pontos mais importantes que tiveram mudanças. É a redescoberta da Assembleia, do lugar da Palavra, da importância da Ação de graça e da prece dos fieis.³⁵

O Corpo de Cristo

As mudanças mais espetaculares dizem respeito ao dispositivo geral da celebração. Não há mais um celebrante e vários assistentes. A Assembleia inteira é convidada a celebrar, associando-se às preces do padre que preside. Não nos esqueçamos de que outrora se falava de missas em voz baixa!

Favoreceu-se a criação de verdadeiros ministérios litúrgicos, como os de animador de canto, de leitor ou de ministro da comunhão. O tempo quando o vigário era o homem-orquestra foi esquecido.

³⁵ BEGUETIEZ, Philippe e DUCHESNEAU, Claude. **Pour vivre les sacrements**. (Para viver os sacramentos). Ed. De Cerf, Paris, 1991, 2e. édition, p. 130.

O uso do idioma do país modificou profundamente a atitude dos participantes.

Compreende-se que alguns lamentaram que tivesse levado ao segundo plano uma parte do patrimônio musical acumulado pela tradição.

O Papa Paulo VI declarava nesta ocasião: *Trata-se aqui de um sacrifício muito grande. E por quê? A compreensão da prece é mais preciosa do que as vestimentas de seda obsoletas com adornos de realeza. Mais preciosa é a participação do povo; o povo de hoje deseja uma fala clara, inteligível, a fim de que possa traduzi-la em sua linguagem profana.*

Participação consciente, ativa e plena do corpo e do espírito

A celebração da missa como ação do Cristo e do povo de Deus organizado hierarquicamente é o centro de toda a vida cristã para a Igreja, tanto universal como local, e para cada um dos fieis.

É, portanto, da maior importância que a celebração da missa, isto é, a Ceia do Senhor, seja definida de tal maneira para que haja participação dos ministros e dos fieis de acordo com sua condição, recolhendo plenamente os frutos que o Cristo Senhor quis nos fazer obter, instituindo o sacrifício eucarístico de seu Corpo e de seu Sangue...

Obteremos este resultado se, considerando a natureza de cada assembleia e das diversas circunstâncias que a caracteriza, a celebração inteira seja organizada para facilitar nos fieis uma participação consciente, ativa e plena do corpo e do espírito, animada pelo fervor da fé, esperança e caridade.

Tal participação é desejada pela Igreja e solicitada pela própria natureza da celebração; **é um direito e um dever para o povo cristão em virtude de seu batismo.** (Apresentação geral do Missal Romano, nº 1-3).

A razão de todas essas mudanças é simples: toda ação litúrgica é obra do Cristo Sacerdote e de seu Corpo que é a Igreja. Todos os membros do Corpo de Cristo devem, segundo fórmula repetida várias vezes pelo Concílio, *participar da liturgia de maneira plena, consciente e ativa.*³⁶

³⁶ Idem, p. 131.

As duas mesas

“Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus” (Dt 8,3; Mt 4,4).

A velha tradição da Igreja gostava de apontar que a liturgia nos dá acesso a dois alimentos fundamentais: o pão da Palavra e o pão da eucaristia.

As leituras da Palavra de Deus foram consideravelmente aumentadas. Elas se dividem em um ciclo de três anos para os domingos, e dois anos para os dias semanais. Lentamente o povo de Deus encontra o gosto pelas Santas Escrituras, diminuído desde a luta da Igreja Católica contra a Reforma Protestante.

A homilia encontrou seu verdadeiro lugar na liturgia da Palavra. Ela manifesta a relação entre a Palavra que acaba de ser proclamada e a vida dos participantes. Ela introduz a Ação de graças. Doravante a proclamação da Palavra de Deus não aparece mais como um simples ensinamento, mas como a fonte que faz jorrar dentro de nós o louvor eucarístico.

Paralelamente à reforma litúrgica, vimos a criação de numerosos grupos bíblicos e os estudos bíblicos retomaram um lugar de primeiro plano na formação do clero e nas universidades católicas.

A ação de graças

Dizia-se “ir à missa”, “assistir à missa”; hoje se diz mais prontamente “participar da eucaristia”, “celebrar a eucaristia”. A mudança do vocabulário é significativa.

Como já vimos, a eucaristia é o verdadeiro sacrifício da ação de graças. Este caráter de louvor aparece melhor na liturgia renovada.

Enriqueceu-se o Missal de numerosos prefácios; contamos oitenta e oito na edição oficial do Missal!

As preces eucarísticas, que conduzem ao louvor de toda a comunidade, tomaram seu lugar ao lado do Cântico Romano. Elas são nove no missal, algumas retomando as preces da liturgia dos primeiros séculos.

Os numerosos grupos de prece que se formaram, seguiram o movimento favorecendo a descoberta da oração de ação de graças.

A prece dos fieis

Era a grande tradição dos primeiros séculos da Igreja. Todo cristão devia associar-se à prece do Cristo para o mundo. Ele (cristão) manifestava assim sua participação pelo seu batismo ao único sacerdócio do Cristo.

Lentamente esta prece foi abandonada e às vezes substituída por “preces da homilia” onde se nomeava em particular os falecidos da paróquia. Restaurando a “prece dos fieis”, chamada também de “prece universal”, o Concílio nos pediu interceder em nossas celebrações por toda a Igreja, todo o mundo, os mais necessitados e nossa comunidade.

As comunidades evitam assim fechar-se sobre si mesmas. A prece pode se tornar menos intemporal e o eco da vida dos homens poderá ressoar nas Assembleias.

Em muitos países do mundo, e particularmente nas jovens Igrejas, a eucaristia encontrou verdadeiramente seu lugar central na vida da comunidade. A cada semana, ao longo do ano, os discípulos de Cristo se encontram e além das palavras, melhor do que todas as explicações, eles descobrem a verdadeira figura de sua Igreja, o que ela é chamada a fazer, o que o Espírito já lhe dedica, mesmo se for na pobreza e na imperfeição.

PERGUNTAS PARA APROFUNDAMENTO “A EUCARISTIA HOJE”

1. Para você, o que representa a Eucaristia?

MESA 5 - BREVE APRESENTAÇÃO DOS SACRAMENTOS HOJE (cont.)

OS SACRAMENTOS DA INICIAÇÃO CRISTÃ: BATISMO, CONFIRMAÇÃO, COMUNHÃO EUCARÍSTICA

BATISMO:

Desde a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, existem três rituais para o batismo, ou seja, três maneiras de proceder na iniciação cristã:

- ▶ O ritual para o batismo dos adultos.
- ▶ O ritual para o batismo das crianças na idade da catequese.
- ▶ O ritual para o batismo das crianças pequenas.³⁷

O batismo dos adultos

O encontro de dois seres inicia-se sempre por um misterioso reconhecimento. Algo começou a surgir no íntimo de cada um. Algo cantou no coração. E depois é a descoberta mútua, os primeiros passos ainda inseguros, os momentos de felicidade e também de interrogações, às vezes dúvidas. O adulto que encontra o Cristo conhece um caminho similar.

Um amigo, uma noiva, um evento alegre ou doloroso, sua vida profissional ou social, uma leitura, sua procura pessoal, permitiram-lhe perceber o Ressuscitado.

Uma semente depositou-se nele, que deve se desenvolver como toda semente. A Igreja irá tentar se esforçar para dirigir seu crescimento sem interferir em sua espontaneidade.

Hoje, frequentemente, um pequeno grupo de cristãos se coloca ao serviço do futuro batizado. Eles ajudam a traçar seu caminho para descobrir as riquezas da Tradição cristã elaborada ao longo dos séculos. Juntos eles vão reler o Evangelho. Vínculos de amizade são formados. Tempos de prece comum são entoados na vida do grupo; para as

³⁷ BEGUETIEZ, Philippe e DUCHESNEAU, Claude. **Pour vivre les sacrements**. (Para viver os sacramentos). Ed. De Cerf, Paris, 1991, 2e. édition, p. 163.

celebrações mais importantes procura-se a paróquia, ou, às vezes, outros grupos de preparação ao batismo.

A Igreja revive sua juventude com os futuros batizados, quando pela primeira vez homens descobrem a presença do Senhor ressuscitado.

O período durante o qual a Igreja celebra as etapas do batismo é chamado, desde os primeiros séculos da Igreja, o tempo do catecumenato. O número de meses ou de semanas separando cada celebração não pode ser fixado com antecedência. Ele depende da liberdade de cada um na lenta germinação da fé, obra do Espírito. Mas o número e significado das grandes etapas são fixados pelo ritual oficial.³⁸

Desde as origens da Igreja, o batismo dos adultos é uma situação muito corriqueira, onde o anúncio do Evangelho ainda permanece recente. O catecumenato tem então um lugar importante. Iniciação à fé e à vida cristã, ele deve se dispor à acolhida do dom de Deus no batismo, na confirmação e na eucaristia. (CIC, 1247),

A entrada no catecumenato

É a acolhida oficial pela Igreja.

Após algumas semanas que permitiram um aprofundamento do conhecimento mútuo, o futuro batizado toma seu lugar na comunidade. Ele recebe o primeiro sinal cristão; ele é marcado com o sinal da cruz.

A preparação para o batismo prossegue então. Assim como o Senhor, que no caminho de Emaús efetuou com os discípulos uma releitura dos eventos à luz da Palavra de Deus, assim também cada um dos que se preparam para o batismo retoma, com o ou os cristãos que o acompanham, os grandes textos da Escritura. Nesse diálogo, o olhar sobre o mundo muda progressivamente, a vida se transforma, a riqueza da fé se descobre.

O apelo decisivo da Igreja

A decisão é tomada definitivamente: um dia, a data do batismo pode ser fixada.

Trata-se então da segunda grande celebração, o “apelo” geralmente colocado no início da Quaresma.

³⁸ Idem, p. 164.

Com os futuros batizados, toda a Igreja entra na quaresma com a finalidade de tomar o caminho da futura Páscoa que deverá ser a primeira para alguns dos membros.

O bispo lá está e chama um a um os futuros batizados. Ele recebe o testemunho daqueles que os acompanharam e se torna o guardião do ato sério para o qual se comprometem. Ao mesmo tempo, ele testemunha a comunidade que acolhe os novos membros.

Assim, seu querer de homem torna-se decisão da Igreja.

Grandes preces e tradições

Olhamos para os evangelhos dos domingos da Quaresma (Ano A): as tentações do Cristo, a Transfiguração, o diálogo de Jesus com a Samaritana, o diálogo com o cego de nascença, a ressurreição de Lázaro.

Desde os primeiros séculos da Igreja, essas passagens foram escolhidas para esclarecer as últimas semanas de preparação ao batismo. Elas são apelos à conversão; elas revelam a ação de Deus por Jesus Cristo.

Hoje ainda esses domingos são marcados por um período de prece para os catecúmenos. Eles são chamados de “escrutínios”, pois segundo a Escritura, *Deus examina os rins e os corações*. Aceitar seu olhar em nossa vida significa aceitar que a luz possa triunfar sobre as trevas. Eis a conversão: *Aquele que pratica a verdade aproxima-se da luz* (João 3, 21).

Com os escrutínios aparecem as “tradições”. *O que recebi, eu o transmiti*, dizia São Paulo.

A Igreja transmite aos catecúmenos, confiando-lhes duas grandes riquezas da tradição: o símbolo da fé e da prece do Senhor: *Acredito em Deus e Nosso Pai*.

No dia do batismo, o novo cristão repetirá, com todos os seus irmãos na fé, essas duas grandes proclamações litúrgicas.³⁹

A noite Pascal

³⁹ Idem, p. 165.

A noite Pascal é a noite da Ressurreição, a noite desta libertação, que nos chega do fundo das idades, da saída do Egito, noite do Êxodo, noite da nuvem luminosa que conduz ao deserto, noite da presença do Senhor que nutre e mata a sede de seu povo.

Há vinte séculos a Igreja celebra nesta noite o batismo dos adultos. Qual noite poderia convir melhor ao batismo?

A comunidade está unida na fé, o novo batizado se torna o profeta. Ele anuncia a todos os seus irmãos que hoje ainda o Senhor está no caminho dos homens para que se possa reconhecer aí a sua presença.

O batismo das crianças

A iniciação cristã de um adulto demanda vários meses, ou vários anos; da mesma forma, a de uma criança se desenrola ao longo de seu crescimento para que possa chegar a este “tamanho adulto no Cristo”, do qual fala São Paulo, e que é atingido apenas na plenitude da vida.

O rito da água durante o qual se realiza o batismo é a primeira etapa que já é a esperança de toda a caminhada da iniciação. A mesma se fará primeiramente em casa, em seguida durante os cantos de catecismo. É durante este tempo que a criança viverá os outros sacramentos da iniciação cristã: a confirmação e a eucaristia.

Devemos batizar as criancinhas?

Esta pergunta aparece frequentemente durante as discussões familiares no momento de um nascimento.

Os pais sabem que sua responsabilidade está engajada nesta escolha. Todo sacramento é um evento na comunidade cristã. É insuficiente se perguntar as razões de um batismo, de considerar unicamente o significado do gesto para aquele que será batizado.

Ao realizar um sacramento, a Igreja celebra a manifestação da face de Deus em nossa vida. O nascimento de um menino, a aparição de uma vida nova é uma manifestação de Deus.

Desde os primeiros séculos, a Igreja recebeu para batizado as crianças das famílias cristãs. Agindo assim, ela anuncia ao mundo que Deus não espera, para nos amar, o tempo quando reconhecemos este amor.

É muito significativo que a Igreja batize as crianças que os acidentes da vida não deixarão chegar a um pleno desenvolvimento. Ela batiza os que, por qualquer razão, permanecerão sempre aos olhos dos homens marcados por uma deficiência ou uma incapacidade. Deus não conhece as mesmas fronteiras que as nossas.

Uma criança, por nascença, pertence a uma família humana com a qual é solidária: ela recebe seu nome, sua raça, seu idioma, seus hábitos, uma parte da diversidade das riquezas do homem.

Quando os pais fizeram a experiência de fé na Igreja, eles desejaram que seu filho tivesse o conhecimento e o amor do Ressuscitado. Este batismo é uma esperança, um caminho que se abre.

Contudo, este recém-nascido terá que escolher um dia. Ele deverá ratificar – ou não – os dons recebidos. É somente ele, de etapa em etapa, que poderá dentro da Igreja fazer sua vida batismal e se converter em verdade. Aí vem a necessidade de permitir a sua participação nos anos de catecismo.

Outros pais fazem uma escolha diferente. Eles estimam que caberá à própria criança decidir quando atingir uma certa maturidade. Eles não se livram do compromisso de sua responsabilidade; eles pretendem dar-lhe a possibilidade de escolher com toda lealdade, prevendo assim permitir a sua descoberta da fé na idade do catecismo.

A Igreja sempre conheceu esta diversidade de posições. Para dar-se conta disso, é suficiente citar alguns dos primeiros escritores cristãos.

Hipólito de Roma (3º século):

Batizar-se-á em primeiro lugar as crianças. Todos que podem falar por eles próprios, falarão. Quanto aos que não podem, seus pais falarão por eles, ou qualquer um de sua família.

Orígenes (3º século):

A Igreja recebeu dos Apóstolos a tradição de administrar o batismo mesmo às crianças.

Tertuliano, em Cartago (início do 3º século):

É preferível atrasar o batismo especialmente quando se trata de crianças... Certamente o Senhor disse: “Deixai vir a mim as criancinhas”. Que venham, sim, mas quando serão

maiores; que venham quando atingirem a idade de serem instruídas, quando aprenderem a conhecer aquele a quem eles veem. Que se tornem cristãos quando capazes de conhecer o Cristo! Por que esta idade inocente está com tanta pressa de receber a remissão dos pecados?

O Catecismo da Igreja católica determina também: desde tempos antigos, o batismo é administrado às crianças, pois é uma graça e um dom de Deus que não presume méritos humanos; as crianças são batizadas na fé da Igreja. A entrada na vida cristã dá acesso a uma verdadeira liberdade. (CIC, 1282).

O batismo das crianças na idade do catecismo

Acontece hoje que crianças frequentam o catecismo sem terem sido batizadas. Às vezes elas são trazidas pelos amigos; mais frequentemente pelos pais que desejam eles mesmos o catecismo, apesar de não terem batizado seu filho no nascimento.

A Igreja previu um ritual especial para sua idade. Não são batizados como as criancinhas, pois são capazes de realmente se comprometerem. Mas, a parte dos acompanhantes permanece grande, porque essas crianças não são tão responsáveis quanto os adultos.

Existem quatro etapas. As primeiras celebrações são marcadas pela simplicidade. Foram previstas para se desenrolar com crianças do mesmo ano de catecismo.

► Coloca-se desde o princípio o rito da acolhida correspondendo à inscrição no catecismo. A criança declara pessoalmente quando se junta aos amigos para aprender a conhecer Jesus.

► Após certo tempo, às vezes no primeiro ano de catecismo, a criança começa a descobrir o conteúdo da fé. Ela conhece certas passagens da Palavra de Deus e sabe o que são os evangelhos. É bom então reunir todas as crianças do mesmo ano com seus pais e adultos, mais numerosos do que os poucos catequistas. É a celebração da entrada no catecumenato. Como para os adultos, o futuro batizado é solenemente marcado com o sinal da cruz do Cristo.

► Outra etapa situa-se algumas semanas antes do dia fixado para o batismo. Ela é revestida de um aspecto mais penitencial. Ela corresponde à descoberta feita mesmo pelas crianças, da dificuldade de ser fiel na amizade com o Senhor.

► Enfim, chega o batismo, que encontra o seu lugar normalmente no Tempo Pascal. Ele acontece durante uma missa com previsão de que os novos batizados participem da eucaristia no dia de seu batismo.

► A confirmação pode ser dada durante a mesma cerimônia que o batismo pelo próprio padre. Mas, frequentemente o jovem batizado encontrará seus amigos que serão confirmados ao longo do próximo ano.

► Em um grupo de catecismo, o batismo de uma pequena criança é uma riqueza muito grande para todas as crianças. Ele permite a cada um redescobrir seu próprio batismo.

Quer seja para os adultos, jovens crianças ou bebês, o batismo, como acabamos de ver, toma seu pleno significado quando colocado no conjunto da iniciação cristã.

Através dela o homem torna-se membro da parte inteira do Corpo do Cristo. Ele faz parte então do **povo sacerdotal**, *o povo que Deus utilizou para proclamar os grandes eventos daquele que nos chamou das trevas ao seu admirável.*

Assim é recebida a missão de participar da Páscoa do Universo, de fazer deste mundo uma criação nova que proclama o louvor de seu Criador.

Os efeitos do batismo

O fruto do Batismo ou da graça batismal é uma rica realidade que comporta: a remissão do pecado original e de todos os pecados pessoais; o nascimento para a vida nova através da qual o homem se torna filho adotivo do Pai, membro do Cristo, templo do Santo Espírito.

Por este fato, o batizado é incorporado à Igreja, Corpo do Cristo, e se torna participante do sacerdócio do Cristo.⁴⁰

CONFIRMAÇÃO

Toda a vida cristã já está contida no batismo, mas a eucaristia e a confirmação revelam novas abordagens da riqueza infinita de Deus. E o homem precisa de sinais variados. Ele precisa aproveitar o tempo para viver com mais profundidade.

⁴⁰ Idem, p. 165; CIC, 1279.

Por que dois sacramentos – batismo e confirmação – quando originalmente eles formam apenas um? Eles são como as duas vertentes de um díptico. Como dois percursos complementares, dois tempos do mesmo impulso, eles correspondem bem ao que é vivido.

Um batismo na maioria das vezes inclui um rasgamento. Existe um combate a enfrentar, escolhas a serem feitas. Frequentemente fossos se abrem, os amigos olham com espanto, com incompreensão e desaprovação. Pelo batismo Deus realmente faz apelo à morte para chegar à ressurreição.

Mas não se pode parar aí.

Após ter tomado o caminho do Cristo em sua morte, deve-se acolher o Espírito. Deve-se partir ao vento de Pentecostes, abrir uma vida nova, ter coragem de anunciar ao mundo a alegria encontrada em Deus.

Os apóstolos viveram a Páscoa do Senhor. Mas é Pentecostes que revela sua verdadeira dimensão de discípulos. Eles atravessam uma etapa. O Espírito habita neles e podem realizar sua tarefa no mundo e continuar a missão do Cristo: anunciar a Boa Nova.

O mesmo acontece hoje.

A confirmação celebra o mistério da Pentecostes. O Espírito suscita uma Igreja a serviço da humanidade. Pelo Espírito cada um é integrado à Igreja como a um corpo vivo.

Nenhum membro é inútil, disse São Paulo (1 Co 12). Cada um recebe o dom do Espírito para servir a todos. Cada um é convidado a descobrir o papel particular onde pode exercer o seu “ministério” em vista da missão comum.

Na esperança de uma vida nova, a confirmação aparece como a dimensão do futuro do batismo. Porque o batizado é um homem do futuro, a Igreja acredita nele. Ela reconhece que o Cristo encarrega cada um de seus membros a aumentar o corpo inteiro.

Se quisermos redescobrir hoje a riqueza do sacramento da confirmação, não deveríamos encontrar na Igreja o sopro de Pentecostes?

A confirmação pode ser dada pelo padre que batiza durante a celebração do batismo. Ela consiste então na imposição das mãos e uma unção.

Mas, por razões pastorais ou pessoais, prefere-se, às vezes, deixar um lapso de tempo maior entre os dois sacramentos. Frequentemente o batismo é vivido na paróquia e o bispo reúne então todos os novos batizados em outra celebração, de acordo com a ordem da diocese.

Com a confirmação, ele dá uma dimensão mais universal ao batismo.⁴¹

Os efeitos da confirmação

O efeito do sacramento da confirmação, decorrente da celebração, é a efusão especial do Espírito Santo como foi acordada outrora aos apóstolos no dia de Pentecostes.

Deste fato, a confirmação traz crescimento e aprofundamento da graça batismal:

- ▶ Ela nos enraíza mais profundamente na filiação divina que nos faz dizer “Abba, Pai” (Rm 8, 15).
- ▶ Ela nos une mais firmemente ao Cristo.
- ▶ Ela aumenta dentro de nós os dons do Espírito Santo.
- ▶ Ela torna nosso vínculo com a Igreja mais perfeito (cf. Lumen Gentium 11).
- ▶ Ela nos concede uma força especial do Espírito Santo para espalhar e defender a fé pela palavra e pela ação em verdadeiros testemunhos do Cristo, para confessar corajosamente o nome do Cristo e jamais sentir vergonha em relação à cruz (cf. DS 1319; LG 11;12). (CIC 1302 e 1303).

COMUNHÃO EUCARÍSTICA

A “fração do pão”, antigo nome dado à eucaristia, faz parte da vida habitual da comunidade. Ela é mencionada nos Atos dos Apóstolos imediatamente após o evento de Pentecostes: *Os que aceitaram a palavra de Pedro receberam o batismo e naquele dia juntaram-se aos crentes cerca de três mil almas. Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à **fração do pão** e às orações (At 2, 41-42).*

A participação à mesa da eucaristia é o que manifesta plena integração à comunidade dos crentes. Ela é a última etapa da iniciação cristã.

⁴¹ Idem, p. 166.

A primeira comunhão eucarística

Tornado filho de Deus, vestido de roupa nupcial, o neófito é admitido “ao banquete das núpcias do Cordeiro” e recebe o alimento da vida nova, o Corpo e o Sangue do Cristo.

As Igrejas orientais mantêm uma consciência viva da unidade e iniciação cristã dando a santa comunhão a todos os novos batizados e confirmados, mesmo às pequenas crianças, lembrando-se da palavra do Senhor: *Deixai vir a mim as criancinhas, não as afasteis* (Mc 10, 14).

A Igreja latina, que reserva o acesso à santa comunhão aos que atingiram a idade da razão, expressa a abertura do Batismo sobre a Eucaristia, aproximando do altar a criança recém-batizada para a prece de Nosso Pai (CIC, nº 1244).⁴²

PERGUNTAS PARA APROFUNDAMENTO DOS SACRAMENTOS DA INICIAÇÃO CRISTÃ:

1. Quais são suas descobertas sobre o sacramento do batismo? Como isso o ajudaria a viver melhor sua fé?
2. Qual efeito do sacramento da confirmação foi mais ao seu encontro? Como isso poderia ajudá-lo a participar da Missão confiada à Igreja?
3. Poderia testemunhar os frutos do sacramento da eucaristia em sua vida?

⁴² Idem, p. 159.

MESA 6 – BREVE APRESENTAÇÃO DOS SACRAMENTOS HOJE (cont.)

OS SACRAMENTOS DE CURA: PENITÊNCIA OU DA RECONCILIAÇÃO E UNÇÃO DOS ENFERMOS

O novo ritual, resultante do Concílio Vaticano II, é particularmente rico. Inspirado na longa tradição, ele oferece à reconciliação o lugar que deve ocupar nas comunidades cristãs. Três principais orientações podem ser destacadas:

- ▶ O Concílio retomou o antigo nome que designava este sacramento.
- ▶ O Concílio expressou o desejo de restaurar uma proclamação da Sagrada Escritura na celebração de todos os sacramentos; o ritual a propõe para a reconciliação.
- ▶ O Concílio expressou o desejo que *cada vez que os ritos... comportem uma celebração comum, com frequência e participação ativa dos fieis, seja salientado que a mesma deve levar a melhor sobre a celebração individual e quase privativa* (Const. Lit. 27).

O ritual previu, portanto, uma diversidade nas celebrações.⁴³

A RECONCILIAÇÃO:

Falava-se normalmente do sacramento da penitência, ou de maneira habitual: da confissão.

Era colocar o acento na abordagem do homem mais do que na de Deus: *Porque é Deus que no Cristo reconciliava o mundo com ele* (2Co 5, 19). Agora os cristãos acostumaram-se ao vocabulário da Reconciliação.

Lugar da Palavra de Deus

A leitura da Palavra de Deus estava particularmente ausente no caso da reconciliação. Como situá-la doravante?

É bastante simples para as celebrações comunitárias. A primeira parte é uma liturgia da Palavra. A leitura principal tem a finalidade primordial de anunciar um Deus que nos ama

⁴³ BEGUETIEZ, Philippe e DUCHESNEAU, Claude. **Pour vivre les sacrements**. (Para viver os sacramentos). Ed. De Cerf, Paris, 1991, 2e. édition, p. 182-183.

e nos perdoa. Na segunda parte, ela é revelação dos apelos de Deus e convite à conversão. Torna-se assim o espelho que revela nossas falhas.

Para as confissões individuais, uma introdução da leitura da Palavra de Deus aparece como novidade. O próprio penitente pode, ao se preparar para a confissão, escolher a passagem da Bíblia que lhe parece adaptada à sua situação. Ele poderá então iniciar a sua confissão dizendo:

Escolhi tal passagem das Escrituras. À luz desta Palavra gostaria de me acusar de tais e tais erros. Quando o penitente não escolhe nenhum texto, cabe ao padre evocar uma passagem das Escrituras no momento oportuno.

Diversidade das celebrações

Nenhuma das formas de celebração propostas pelo ritual consegue esgotar a riqueza do sacramento. Elas são complementares.

A **confissão individual** manifesta melhor o encontro pessoal com Deus. Existem momentos na vida em que a abordagem da conversão só pode ser individual. Este é o caso, evidentemente, quando uma falha grave ocasiona uma ruptura importante dentro de nossa relação com Deus.

Mas, trata-se também de casos, como em certos compromissos importantes: antes da aproximação do casamento, da consagração religiosa ou mesmo quando precisamos tomar uma decisão fundamental.

A abordagem pessoal é também indicada na ocasião de um retiro ou quando precisamos “fazer um balanço”.

As **celebrações comunitárias** fazem aparecer melhor o aspecto eclesial. O ministério do padre situa-se no âmbito da prece da comunidade. Compreende-se melhor então que não é suficiente pedir perdão a Deus, mas que devemos perdoar os nossos irmãos e criar um mundo onde as relações entre os homens possam desabrochar dentro da reconciliação.

Essas celebrações são também o momento em que tomamos consciência que nosso mundo comporta estruturas de pecados pelas quais somos parcialmente responsáveis, cada um por sua parte, segundo a expressão de João Paulo II.

Elas (celebrações) têm a grande vantagem de permitir aos membros da mesma comunidade preparar conjuntamente as grandes festas, como o Natal e a Páscoa.

Elas criam um ritmo dentro do desenvolvimento do ano litúrgico. Elas relembram a todos o dever de conversão e revelam as implicações concretas. Sem ser a motivação primordial, elas realizam uma verdadeira catequese e renovam frequentemente os “exames de consciência”, que sem elas se atolam em “catálogos de pecados um tanto ultrapassados”.

A forma habitual comporta a absolvição individual, mas o ritual prevê, em casos precisos, o recurso da absolvição comum, chamada erroneamente de “coletiva”. Cabe às conferências episcopais determinar essas regras.⁴⁴

As celebrações sem absolvição

Alguns consideram curioso o fato de que um ritual de sacramento pudesse prever celebrações de reconciliação sem absolvição. Não seria uma boa maneira de indicar que o sacramento é vivido na duração, ou seja, na sua permanência enquanto uma graça?

As celebrações comportam uma liturgia da Palavra, um apelo à conversão e um exame de consciência. Elas são apenas o início da abordagem que prossegue ao longo dos dias ou semanas seguintes. Situam-se bem na quarta-feira de cinzas ou em qualquer outro dia no começo da quaresma. Cada um pode escolher com total liberdade o ponto particular de sua vida no qual deseja colocar seu esforço de quaresma. E ele faz o balanço mais tarde, quando se confessar antes da Páscoa.

Nas pequenas comunidades, elas se desenvolvem, às vezes, como conclusão de uma assembleia geral, permitindo a cada membro participar de uma revisão de vida da comunidade. Os esforços de conversão são então fixados em comum e cada um é chamado a participar de sua realização.

Elas têm a imensa vantagem, dentro de uma celebração comunitária de reconciliação, de oferecer lugar aos cristãos cuja situação habitual impediu de serem plenamente participantes dos sacramentos da eucaristia e da reconciliação.

É o caso em particular daqueles que não se consideram prontos para uma plena integração na Igreja; às vezes, em certos países, os que vivem na poligamia; noutra lugar, casais que ainda não celebraram seu casamento na Igreja ou divorciados casados novamente (em segunda união).

⁴⁴ Idem, p. 183.

“Toda a eficácia da Penitência consiste em nos restabelecer na graça de Deus e nos unir a Ele em soberana amizade” (CIC, 2, 5, 18).

A finalidade e o efeito deste sacramento são, portanto, a reconciliação com Deus.

Aos que recebem o sacramento de Penitência com o coração arrependido e com disposição religiosa, “ele é seguido por paz e tranquilidade da consciência, acompanhado de um forte consolo espiritual”. (CC. Trento: DS 1674) De fato, o sacramento da reconciliação com Deus traz uma verdadeira “ressurreição espiritual”, uma restituição da dignidade e dos bens da vida dos filhos de Deus, e o mais precioso deles é a amizade de Deus (Lc 15,32) (CIC, 1468).

Este sacramento nos reconcilia com a Igreja.

O pecado danifica ou quebra a comunhão fraternal. O sacramento da Penitência repara ou restaura esta quebra ou ruptura.

Neste sentido, ele não somente cura aquela pessoa restabelecida pela comunhão eclesial, mas tem efeito vivificante na vida da Igreja, que sofreu do pecado de um de seus membros (cf. 1 Co 12, 26).

Restabelecido ou consolidado na comunhão dos santos, o pecador fortifica-se pela troca de bens espirituais entre todos os membros vivos do Corpo de Cristo, quer estejam ainda em um estado de peregrinação ou já na pátria celeste (cf. LG 48-50). (CIC, 1469).

UNÇÃO DOS ENFERMOS:

As ações litúrgicas não são ações privadas, mas celebrações da Igreja, afirma a Constituição do Concílio Vaticano II sobre a liturgia.

Eis porque se menciona, quando possível, preferir uma celebração comunitária com frequência e participação ativa dos fieis, a aceitar uma celebração individual e quase privada (De Sacra Liturgia, 27).

Isso é particularmente oportuno nos casos dos enfermos, pois a própria vida corre o risco de separá-los do restante da comunidade.

O novo ritual “dos sacramentos para os enfermos”, determinado pelo Concílio Vaticano II se inspira nesta preocupação.⁴⁵

A comunhão aos enfermos

Levar a comunhão aos enfermos é uma maneira rica de lhes manifestar nossa consideração como membros de pleno direito da comunidade. De acordo com a antiga tradição da Igreja, os próprios cristãos devem ter esta preocupação.

Tal é a origem, a razão primordial, pela qual se conserva uma parte da eucaristia no fim da missa. A instrução romana sobre *O Culto do Mistério Eucarístico* o lembra de forma oportuna (*Eucaristicum Mysterium*, Roma, 1967, nº 49).

Em consequência do novo ritual, previu-se em várias paróquias:

- ▶ Equipes de leigos especialmente formados para realizar este ministério. Visitando em primeiro lugar os doentes, eles podem propor a comunhão e após conversa com o pároco, serem habilitados, como se fazia durante os primeiros séculos, a levar a eucaristia regularmente à pessoa visitada;
- ▶ Para tornar visível o relacionamento estreito entre a comunhão levada a um doente e a celebração da eucaristia, as pessoas que vão levar a comunhão recebem as hóstias necessárias durante a missa dominical, na presença de toda a assembleia. Para tal, elas se aproximam do altar antes ou após a comunhão dos fieis, e o celebrante as entrega dizendo uma fórmula, como por exemplo: “Façam participar nossos irmãos doentes da eucaristia que acabamos de celebrar”;
- ▶ De nomear na prece universal ou na prece eucarística os que participam da celebração pela comunhão que receberão nas suas casas. Assim, a comunidade toma consciência da presença moral daqueles que são impedidos de vir;
- ▶ Da mesma forma, na ocasião de dar a eucaristia ao doente, toma-se o hábito de ler com ele o evangelho da missa de onde vem a eucaristia. Podemos também dar notícias da comunidade e, quando possível, remeter ou entregar a folha contendo informações da paróquia.⁴⁶

⁴⁵ Idem, p. 206 a 209.

⁴⁶ Idem, p. 207.

O Sacramento de Unção

Frequentemente tem-se receio de propor a um membro da família de um doente para ele receber a unção dos enfermos. Receamos que tal proposta possa desencadear um choque psicológico, diminuindo suas capacidades de lutar contra a doença, ou ofuscando seus últimos momentos de lucidez. Espera-se então que o paciente tenha perdido a consciência para chamar um padre.

Perante tal situação, o **novo ritual** propõe três esforços pastorais:

▶ Devemos cuidar para dar a Unção dos Enfermos aos fieis cuja saúde começa a ser perigosamente atingida pela doença ou velhice (Ritual Romano nº 8).

▶ Para apreciar a gravidade da doença, basta um julgamento prudente levantado sem ansiedade ou escrúpulo pelos que solicitam ou propõem o sacramento. Na maioria dos casos seria razoável que o próprio doente visse com o padre a que ponto seu estado de saúde é atingido pela doença, ou velhice, que o possa levar a uma situação difícil, para a qual ele necessite de novas forças (nº 8).

▶ Deve-se perder o mau hábito de retardar a recepção deste sacramento. Um esforço particular deveria ser feito junto aos que circundam os doentes para informá-los do sentido verdadeiro do sacramento da Unção. As celebrações são para elas próprias a ocasião de uma verdadeira catequese, particularmente as celebrações comunitárias (nº 13).

Este sacramento pode ser repetido se o doente que o recebeu durante tal enfermidade venha a sarar, ou se, durante a mesma enfermidade a situação tornar-se novamente crítica (nº 9).

Antes de uma intervenção cirúrgica a Unção pode ser dada cada vez que a causa da intervenção seja um mal grave (nº 10).

Para as pessoas idosas cujas forças declinem bastante, pode-se dar a Unção mesmo se nenhuma doença grave foi diagnosticada (nº 11).

Alguns doentes estão inconscientes ou perderam o uso da razão. Eles podem receber o sacramento se acharmos que, conscientes, eles o teriam solicitado com sua fé, como a conhecemos. Não se presume sistematicamente esta demanda (nº 14).

A celebração da Unção dos Enfermos ou da Eucaristia no seio do ambiente comunitário se reveste de grande importância: ela facilita a solidariedade entre os doentes e sadios; ela é vivida num ambiente festivo, fraternal, especialmente quando preparada em comum; ela nutre a fé, a esperança dos participantes e fortifica seus compromissos; ela revela os sacramentos como sinais da Aliança entre Deus e seu povo. (nº 41).

Precisamos, em primeiro lugar, reencontrar na antiga tradição da Igreja o próprio nome do sacramento.

Hávamos tomado o hábito, desde a Idade Média, de chamá-lo de “extrema unção”, sugerindo que fosse administrado quando se encontrasse na extremidade da vida. Agora falamos de “sacramento de unção” ou de “unção dos enfermos”.

Em segundo lugar, solicita-se celebrar este sacramento quando a doença tornou-se uma prova de coragem e lucidez. Pode também ser administrado aos que, devido à idade adiantada, são obrigados a modificar notavelmente sua maneira habitual de viver.

Portanto, não se fala necessariamente da aproximação imediata da morte. Foi previsto que ele pudesse ser recebido várias vezes durante uma doença prolongada, ou quando após a cura, a pessoa é novamente atingida pela doença.

Enfim, o Concílio solicitou que este sacramento pudesse, como todos os outros, ser celebrado de maneira mais comunitária.

Em um grande número de paróquias tal celebração é proposta anualmente. Os participantes podem se preparar com um tempo de reflexão e prece, um pequeno retiro. A comunidade inteira pode participar.

Esta forma de celebrar tem dupla vantagem. Ela permite descobrir melhor a riqueza do sacramento para a vida de toda a comunidade. Ela contribui em grande parte para modificar as antigas mentalidades e o medo que se sente diante deste sacramento.

Muitas vezes, mudar as antigas mentalidades é difícil.

No caso do sacramento da unção, a dificuldade ocorre tanto por parte do doente como dos que estão em sua volta. Preferindo a celebração comunitária, a Igreja contribuiu profundamente para esta evolução.⁴⁷

⁴⁷ Idem, p. 208.

O Viático

Um “viático” é a provisão dada a alguém para permitir a realização de um longo caminho, de uma viagem.

Na Idade Média, era o dinheiro dado a um religioso para enfrentar as despesas ocasionadas pela mudança de uma abadia a outra. De lá veio o costume de dizer, quando se levava a comunhão a um moribundo, que ele ia receber a eucaristia “em viático”. A imagem é bonita. A morte não é o fim da vida, mas a partida para a verdadeira viagem.

Todos nós temos experiência da partida. É algo que não tem sentido para aquele que fica, pois ele vive somente a separação. Mas, para aquele que se vai, apesar de viver também a separação e o sofrimento, para ele, todavia, a partida tem um sentido, porque ela abre um caminho.

Olhemos a nossa vida. Cada vez que fizemos algo de importante, precisamos “partir”.

Casar-se significa partir; pegar um emprego significa partir; qualquer decisão importante é como uma nova partida.

Quem sempre teve medo de partir jamais conseguiu algo. É necessária ter tido frequentemente a ocasião de partir para descobrir devagar que toda partida abre um caminho.

Se nossas partidas encontraram seu significado na Páscoa do Senhor, se a lei do grão de trigo nos pareceu ser verificada na ocasião de cada uma delas, estamos prontos para receber a morte.

Apesar de seu aparente absurdo, a morte é como uma partida para um novo caminho. Isto não elimina nem a angústia nem o sofrimento, mas nos deixa perceber seu verdadeiro significado.

A Igreja, Corpo de Cristo, reúne a experiência de todos os seus membros que, há séculos, viveram o mistério da morte. Ela anuncia e acolhe em cada um deles a Páscoa do Senhor.

Ela o faz pelo Viático, que é uma participação toda especial na eucaristia:

- ▶ Quando o homem se encontra mais perto do memorial da Paixão, a não ser na hora da agonia?
- ▶ Quando estaremos mais perto da quinta-feira santa, a não ser na hora de nossa sexta-feira santa pessoal?
- ▶ Quando a presença do Ressuscitado se torna mais necessária em nosso caminho, a não ser no lugar onde se abre à noite?
- ▶ Quando profetizamos melhor o drama da fé, a não ser no momento em que devemos lutar nossa última batalha? ⁴⁸

PERGUNTAS PARA APROFUNDAMENTO SOBRE OS “SACRAMENTOS DE CURA”:

- 1) Quais aspectos desta apresentação vão mais ao seu encontro e recuperam o seu ânimo?
- 2) Como as comunidades cristãs poderiam viver e fazer viver o sacramento da unção dos enfermos de uma maneira mais “viva”?

⁴⁸ Idem, p. 209.

MESA 7 – BREVE APRESENTAÇÃO DOS SACRAMENTOS HOJE (cont.)

OS SACRAMENTOS A SERVIÇO DA COMUNHÃO

O SACRAMENTO DA ORDEM

A Igreja vive hoje uma grande renovação a respeito dos ministérios. Alguns cristãos parecem, às vezes, temer que as novas responsabilidades dadas aos leigos possam ocultar o papel do padre.

Este temor não tem fundamento. Constatamos, ao contrário, que todas as comunidades onde as tarefas são repartidas entre os diferentes membros, a natureza específica do ministério sacerdotal é imediatamente posta em destaque.

Contudo, é normal assistirmos a tentativas; a História levou o clero a acumular progressivamente todas as funções.

Não podemos esquecer que durante longo tempo a palavra “clero” foi sinônima de “pessoa instruída”. Confiava-se por hábito aos cleros a maior parte das responsabilidades eclesiais. Uma nova coordenação dos ministérios só pode ser feita ficando atento à evolução e às necessidades das comunidades.

O Concílio Vaticano II deu um novo ímpeto à vida das comunidades cristãs. E um documento de Roma, de 15 de agosto de 1972 (Motu Proprio: *Ministeria Quaedam*), estabeleceu as seguintes divisões:⁴⁹

Existem os **ministérios ordenados**: trata-se dos ministérios dos bispos, padres e diáconos, conferidos durante uma celebração sacramental, por imposição das mãos do bispo.

Hoje a Igreja católica conhece uma renovação do diaconato. Ele não é mais um passo a superar para chegar ao sacerdócio.

Retomou-se a velha tradição da Igreja de ordenar diáconos permanentes, isto é, homens que permanecem em seu lugar de trabalho e na sociedade, e ao mesmo tempo são associados de maneira particular e permanente ao serviço da comunidade.

⁴⁹ BEGUETIEZ, Philippe e DUCHESNEAU, Claude. **Pour vivre les sacrements**. (Para viver os sacramentos). Ed. De Cerf, Paris, 1991, 2e. édition, p. 145.

É um pouco cedo para definir o perfil de maneira definitiva. A orientação foi dada, mas é a vida que fornece os quadros.

A este respeito referimo-nos à passagem dos Atos dos Apóstolos que relata a instituição dos Sete (At 6, 1-6). O “Serviço das Mesas” a eles confiado pode-se interpretar de maneiras diferentes:

► Vimos o serviço das refeições; isto compreende tudo que se refere à ajuda e às obras de caridade, à repartição dos fundos colhidos para os mais desfavorecidos.

► Mas a “Mesa” (em grego: *trapeza*) pode também designar a mesa do cambista e o balcão do banco (Mt 21,72; Mc 11,15; João 2,15). Os diáconos seriam então os administradores dos assuntos financeiros da Igreja. Em Roma, os diáconos não ficaram por muito tempo adjuntos do bispo para a parte administrativa?

Hipólito de Roma, no 3º século escrevia: *O diácono é ordenado ao serviço do bispo... ele administra e assinala o que for necessário.*

► A “Mesa”, na tradição judaica, é também onde se colocava os “pães de oração”, as oferendas dos fieis ao Templo de Jerusalém (Hb 9,2). Compreende-se então o papel que cabe ao diácono durante a celebração da eucaristia.

Existem os **ministérios instituídos**: são os ministérios estáveis. A instituição, conferida durante uma celebração litúrgica, estabelece o cristão em uma função permanente. O documento romano considera expressamente dois ministérios:

► O “serviço da Palavra” que pode incluir uma missão catequética e de preparação dos fieis para a recepção dos sacramentos;

► O “serviço da prece comunitária e a eucaristia”; o que pode compreender uma responsabilidade particular para a assembleia dominical e o serviço da comunhão aos enfermos.

Mas, além disso, é claramente indicado que as conferências episcopais podem prever outros ministérios instituídos, como por exemplo, o do catecismo, verdadeiro responsável por pequenas comunidades em certos países.

Existem também os ministérios confiados por certo tempo; eles podem abranger os diferentes serviços necessários à vida e à ação da comunidade.

A apresentação Geral do Missal Romano fala expressamente daqueles que abrangem a celebração litúrgica, em particular do encarregado do leitor e do serviço da comunhão. Isso corresponde a uma delegação oficial que poderá ser feita pelo padre responsável da comunidade.

É ainda cedo para estabelecer um balanço e ter uma visão de conjunto dos diferentes ministérios estabelecidos hoje na Igreja. Podemos somente evocar algumas situações.⁵⁰

Em sua carta ao Episcopado latino-americano, o cardeal Villot, em 1977, declarava: *A descoberta e realização de novas formas de ministérios que abraçam a vida litúrgica e outros aspectos da vida religiosa e humana das comunidades... constituem um dos objetivos que deve engajar mais intensamente a Igreja latino-americana. Esses ministros leigos que, outrora, eram destinados quase exclusivamente à vida da prece da comunidade... encontram-se hoje perante um campo de ação bem mais vasto, igualmente no que diz respeito à liturgia. Há necessidade de formar convenientemente aqueles que as exercem; eles são um dom do Espírito e uma esperança para o futuro das comunidades eclesíásticas.*

A evolução não terminou. É um sinal dos tempos que o problema dos “ministérios” geralmente esteja ligado ao programa dos Sínodos diocesanos que ocorrem em vários lugares. Os pontos de atenção são os seguintes:

Revalorização do batismo

O impulso dado pelo Concílio é parte de uma revalorização da responsabilidade de todo cristão em razão de seu batismo.

O batismo o faz membro do Corpo de Cristo. O Espírito distribui seus dons a cada um visando o bem de todos.

Os cristãos são, portanto, solidários em sua ação e a totalidade dos dons encontra-se somente no conjunto do Corpo.⁵¹

⁵⁰ Idem, p. 146.

⁵¹ Idem, p. 147.

Construir a Igreja

São Paulo, no grande texto da Epístola aos Efésios sobre os ministérios, fala do Corpo inteiro que: *coordenado e unido graças a todas as articulações que o servem, opera o seu crescimento orgânico segundo a atividade de cada uma das partes, a fim de se edificar na caridade* (Ep 4,16).

Como é o corpo inteiro que opera, não se trata de opor o sacerdote ao leigo, em uma reflexão sobre os ministérios, mas, ao contrário, ver a complementaridade da tarefa realizada por cada um para a construção de um todo.

É incorreto pensar que os leigos se ocupam do mundo e os padres são encarregados da comunidade. É a Igreja em seu conjunto, padres e leigos sob a influência do Espírito, que deve viver como Corpo do Cristo para continuar a missão de seu Senhor.

Já que é o Corpo inteiro que opera, a comunidade deve ser solidária com aqueles que, no seu seio, cumprem os deveres de um ministério. Esses últimos tornam visíveis e operacionais a preocupação de todos.

Alguns são encarregados da catequese, mas é o conjunto que deve se preocupar com a transmissão da fé. Alguns têm um papel na ajuda-mútua, mas o fazem em nome de todos. Outros asseguram a coordenação, mas todos se preocupam com a comunhão.

Igualmente, toda a Igreja é um povo sacerdotal.

Graças ao batismo, todos os fieis participam do sacerdócio de Cristo. Esta participação chama-se “sacerdócio comum dos fieis”.

Na sua base e no seu serviço existe uma outra participação na missão do Cristo: a do ministério conferido pelo sacramento da Ordem, cuja tarefa é servir em nome e na pessoa do Cristo-Cabeça no meio da comunidade.(CIC, 1592).

O sacerdócio ministerial difere essencialmente do sacerdócio comum dos fieis porque confere um poder sagrado para o serviço dos fieis. Os ministros ordenados exercem seu serviço perante o povo de Deus pelo ensinamento (*múnus docendi*), o culto divino (*múnus liturgicum*) e o governo pastoral (*múnus regendi*). (CIC, 1591).

Uma única missão

Eu vim para que os homens tenham vida e que a tenham em abundância, diz o Senhor.

A Igreja não tem outra razão a não ser de continuar a missão de Jesus Cristo. Toda reflexão sobre os ministérios só pode partir de um olhar sobre a missão. Mas ela é vasta. Compreende-se facilmente que ela chama todos os cristãos a serem ministérios participantes.

Devemos começar pelas tarefas necessárias para que a Igreja realize sua missão e em sua plenitude.

Com vistas à missão, não se pode opor uns aos outros, mas coordenar o todo. Juntos, padres e leigos devem testemunhar Jesus Cristo ao mundo. Juntos, eles têm a tarefa de anunciar o Evangelho. Juntos, eles colocam o sinal de comunidades como sendo lugares de acolhida do Espírito e que querem viver à luz da Palavra de Deus. Juntos, eles fazem o mundo se voltar para Deus no louvor e na eucaristia.

Novas tarefas podem se revelar; novos serviços serão inventados. Nós já o vimos em nosso tempo devido a todas as iniciativas em favor do desenvolvimento, ou da saúde em países de desenvolvimento limitado. Nós o vimos também em nossas esferas geográficas, como noutros lugares para as *assembleias dominicais com ausência de padre* (ADAP). Os cristãos souberam se encarregar de domínios desconhecidos.

O caso das ADAP é particularmente delicado. Podemos, certamente, nos regozijar de que o dinamismo das comunidades permitiu responder às necessidades.

Devemos, contudo, constatar que encontramos-nos perante uma situação teologicamente anormal no sentido preciso do termo. Não é normal, de fato, que a celebração da eucaristia não pudesse se estabelecer no centro da vida de uma comunidade.

É um caso limite, porém bastante comum, especialmente nas jovens Igrejas, nos países que têm poucos padres, como na América Latina e na África. É uma questão séria posta ao corpo eclesial inteiro. Que o Espírito suscite em nossa Igreja a juventude suficiente para dar a solução conforme a verdadeira fidelidade.

Para necessidades novas, serviços novos?

Sim, a condição é que seja respeitada a tensão entre duas fidelidades.

► Fidelidade da Igreja à sua vocação e ao seu próprio ser: ela não é o Corpo do Cristo enviado ao mundo como seu Senhor?

► Fidelidade ao mundo e à história: em Jesus Cristo a Palavra encarnou-se na cidade de Nazaré e na Judeia; mas a encarnação é uma obra que deve incessantemente continuar.

A Igreja confronta-se com o problema de sua “inculturação” nos setores humanos, geográficos ou culturais, que ela até agora só aborda.

É mantendo as duas fidelidades que ela crescerá, renovando sua maneira de ser e de agir.⁵²

**PERGUNTAS PARA APROFUNDAMENTO SOBRE OS SACRAMENTOS DE
COMUNHÃO: O SACRAMENTO DA ORDEM**

- 1) De acordo com o que foi apresentado sobre a teologia do sacramento da ordem, quais elementos podem nos ajudar a chamar os jovens a consagrar suas vidas como padres?

- 2) Como se tornar ainda mais uma Igreja comunhão?

⁵² Idem, p. 149.

MESA 8: BREVE APRESENTAÇÃO DOS SACRAMENTOS HOJE (cont.)

OS SACRAMENTOS A SERVIÇO DA COMUNHÃO

O SACRAMENTO DO MATRIMÔNIO

Teologia do sacramento do casamento

O casamento, esta velha instituição sobre a qual teríamos afirmado facilmente há cinquenta anos que era universal, está colocada em segundo plano hoje.

No entanto, a realidade do casal continua existindo e vemos em nossa volta muitos jovens que dele têm um ideal bastante elevado.

É a instituição, civil ou religiosa, que é recusada ou pelo menos posta em causa. O que é da intimidade de cada um deve depender de leis e de regulamentos?

Na estrutura deste capítulo não se trata de fazer um estudo sociológico ou uma argumentação para defender o casamento. Nem se trata de apresentar toda a doutrina da Igreja e o fundamento de sua legislação.

Existem várias obras sobre o assunto. Voltaremos definitivamente àquela obra que aparece na mesma coleção: Jean-Pierre Bagoa, *Pour vivre le Mariage* (Para viver o Casamento), Editora Cerf, 1986.

A Igreja não inventou o casamento. Ele existiu bem antes dela.

E os primeiros cristãos se casavam como se fazia em sua volta, sem precisar de uma cerimônia religiosa especial.

Portanto, desde a sua origem o casamento era considerado como importante na comunidade cristã, uma vez que São Paulo podia afirmar: *Maridos, amem suas esposas como Cristo amou a Igreja* (Ef 5, 25).⁵³

O casamento era “uma realidade da vida do homem” e não é difícil descobrir porque ela tomou lugar entre os sinais do Reino.

⁵³ BEGUETIEZ, Philippe e DUCHESNEAU, Claude. **Pour vivre les sacrements.** (Para viver os sacramentos). Ed. De Cerf, Paris, 1991, 2e. édition, p. 185.

Viver em casal marca uma etapa importante no desenvolvimento da personalidade de uma pessoa.

O homem e a mulher modificam então a maneira de se situar perante todos em sua volta. Enquanto crianças, viveram no círculo familiar onde cada um tinha o seu lugar. Como adolescentes conquistaram, às vezes de forma difícil ou dolorida, o direito de serem eles mesmos.

Mas, devem viver agora uma vida de adulto; e eles que tudo receberam, devem agora, por sua vez, ser fonte. Não são mais seres solitários; eles se apresentam em dois perante o meio familiar e o círculo de seus amigos.

A solidão é uma das situações fundamentais do homem. Não pode ser negada; ela precisa ser salva. E a solidão se salva quando se supera. Tanto paradoxal quanto possa aparecer, a solidão é necessária para ter comunhão. Devemos em primeiro lugar ser nós mesmos, enfrentando nossa própria personalidade para entrar em relação com outrem.

Podemos dizer que o casal é o lugar onde a solidão finalmente se torna riqueza, mostrando-se capaz de comunhão?

A Bíblia o apresenta assim.

Ela nos mostra o “homem” desde a sua origem procurando no universo o ser que lhe é prometido. Ela fala da alegria quando encontra “a carne de sua carne” (Gn 2,23). Ela canta o amor ardente no coração de dois seres (Cântico dos Cânticos 2, 16 e 8, 5-7):

O meu amado é meu

E eu sou dele...

O amor é tão forte quanto a Morte

E a paixão rude como o Abismo.

Suas brasas são fogo ardente,

São labaredas do Senhor.

As águas não podem apagá-lo

Nem o rio levá-lo.

A palavra de Deus é ainda mais ousada. Ela empresta as palavras desta paixão que queima o coração dos amantes para expressar o maravilhoso amor que une Deus ao seu povo.⁵⁴

Amor humano, face de Deus

Já se falou a respeito da dificuldade de falar de Deus, o risco de enclausurá-lo em nossas palavras e o receio de evadir-se, assim fazendo, em discursos intemporais ou irrealis.

Ah! Se Deus pudesse não ser aquele do qual falamos, mas aquele com quem vivemos ou que nos chama a viver!

Deus no cotidiano, sim, sem dúvida, mas ele permanece o Deus oculto cuja face tem dificuldade em se revelar, o Deus misterioso.

E é exatamente nisso que se situa a realidade sacramental. Ela nasce no próprio mistério do homem para conduzi-lo ao mistério de Deus. Essa nada mais é do que a vida de cada dia, porém vivida em sua plenitude para tornar-se testemunho do invisível.

O que pode ser mais cotidiano e misterioso ao mesmo tempo do que o encontro de dois seres que se amam e se reconhecem, e que, todavia, nunca acabam de se descobrir?

É o cotidiano em toda sua poesia, sua riqueza, bem como em sua monotonia; é o cotidiano que se torna espelho do infinito.⁵⁵

Desde a primeira página da Bíblia, o encontro do homem e da mulher é pressentido como um dos lugares onde se revela o invisível. O próprio Deus quis inscrever sua face neste casal humano que aparece no sexto dia como o cume da criação:

Deus disse:

Façamos o homem à nossa imagem,

À nossa semelhança...

Deus criou o homem à Sua imagem,

Criou-o à imagem de Deus;

⁵⁴ Idem, p. 186.

⁵⁵ Idem, p. 187.

Ele os criou homem e mulher.

Se o homem e a mulher, em sua vida de casal, tornam-se imagem de Deus, a definição do sacramento como “uma realidade humana que anuncia o Reino por ser um lugar de sua realização” lhes convém maravilhosamente.

E entre todos os sacramentos, o casamento é um dos quais aparece claramente que não é possível separar a realidade humana da realidade sacramental.

Já o profeta Miquéias proclamava que o verdadeiro ato de culto não se encontra na oferta de bens externos ao homem, mas na realização cotidiana daquilo que é justo, vivendo de uma maneira humilde e com ternura! (Mq 6, 6-8)

Com que me apresentarei ao Senhor,

E me inclinarei diante do Deus Altíssimo?

Agradar-se-á o Senhor

De milhares de sacrifícios

Oferendas inúmeras,

Ele te declarou, ó homem, o que é bom,

E que é o que o Senhor pede de ti:

Senão que pratiques a justiça,

E ames com ternura

E andes humildemente

Com o teu Deus.

Amor e aliança

Podemos hesitar diante de duas fórmulas: o casamento é um sacramento de amor, ou sacramento de aliança?

Podemos acreditar que as duas fórmulas são equivalentes. Contudo, não completamente.

O conteúdo da palavra amor é difícil de identificar.

Ela é, às vezes, uma palavra chave-mestra que encobre realidades bastante nebulosas ou diversas. Existe o amor passional e o amor romântico. Há o “amor das mulheres” que talvez tenha relações longínquas com o “amor ao próximo”. Diz-se “fazer o amor” e “morrer de amor”... Qual é o sentido que devemos dar a esta palavra amor?

Em sua riqueza, a tradição bíblica dá-lhe um conteúdo vinculado à realização de uma Aliança. Descobrir a Aliança é dar sentido ao amor.

Hoje em dia, no caso de muitos jovens que se amam, habitam juntos por vários anos e decidem um dia se casar, mostra bem que isso dá à palavra casamento um conteúdo que não é somente equivalente à relação amorosa. A seu modo, eles redescobrem a realidade de uma Aliança.

Dizer Aliança ao invés de dizer amor é seguramente dar um conteúdo menos ambíguo, mas é também incluir a aventura de dois seres em uma relação que os excede, tomando por testemunho todo o grupo social dos laços de parentesco e dos amigos.

Se o casamento fosse somente o sacramento do amor, poderíamos dizer que o sacramento cessa quando o amor se esgota.

Mas as coisas não são tão simples assim. Há dias em que o amor se esconde, porém a fidelidade da Aliança conserva sua grandeza.

Aliás, não existiram sempre no mundo dois tipos de civilizações? Aquelas onde casa-se porque se ama e aquelas onde se ama por ser casados?

Como é desconfortável dizer qual das duas assegurou a maior felicidade!⁵⁶

O que significa aliança?

Esta realidade é tão presente no Antigo Testamento que se torna difícil selecionar os textos mais significativos. Precisaríamos reler toda a Bíblia!

A Aliança foi vivida ao longo dos séculos antes de ser a fonte de uma teologia. O mesmo se aplica ao casal humano: a teoria jamais percebe plenamente a vida que devemos inventar ao longo dos meses e dos anos.

⁵⁶ Idem, p. 188.

Falando da Aliança, quais textos devemos escolher? Aqueles que refletem a alegria e o sofrimento, a exigência e a ternura, as rupturas e os reencontros?

Todos eles, sem dúvida, mas são numerosos.

Toda aliança pressupõe parceiros. O mesmo acontece no casamento.

Uma das ousadias da tradição bíblica é considerar que tal parceria existe entre Deus e o homem. Como isso seria possível? Duas palavras aparecem como particularmente importantes: **fidelidade e reciprocidade**. São as duas palavras mais colocadas em evidência.

Fidelidade

Na sua Aliança com o seu povo Deus é primeiramente fiel. Por força da reciprocidade que dá sentido a qualquer aliança, os profetas apelam incessantemente ao povo a fim de viver também dentro da fidelidade.

E é assim que se descobre o perdão. Pois uma aliança só pode durar quando cada um dos parceiros recusa-se perpetuamente a conter o outro em um passado, às vezes muito pesado para suportar.

O perdão vai além do dom, pois é incessantemente renovado. O Deus da Aliança é também Deus do perdão.

Mas a aliança do homem e da mulher é frágil. E, no entanto, porque o casal humano é feito à imagem de Deus e à sua semelhança, ele é chamado a viver dentro da fidelidade.

Não está errado dizer que o casamento, em sua visão evangélica de fidelidade absoluta, é uma “loucura”.

Sem dúvida, ele não é nem mais nem menos do que o celibato em vista do Reino, mas tanto quanto.

O motivo mais profundo encontra-se na fidelidade de Deus à sua aliança, do Cristo à sua Igreja.

Pelo sacramento do casamento, os esposos são habilitados a representar esta fidelidade e a testemunhá-la. Pelo sacramento, a indissolubilidade do casamento recebe um novo sentido mais profundo. (CIC, 1647).

Pode parecer difícil, isto é, impossível, de ligar-se a outro ser humano por toda a vida.

É mais importante anunciar a boa nova que Deus nos ama com um amor definitivo e irrevogável, que os esposos fazem parte desse amor, e ele os carrega e sustenta, e que pela fidelidade eles podem ser testemunhos do amor fiel de Deus.

Os cônjuges que, com a graça de Deus, dão este testemunho, frequentemente em condições bem difíceis, merecem a gratidão e o apoio da comunidade eclesial (cf. FC 20). (CIC, 1648).

Os Apóstolos compreenderam bem.

No evangelho de Mateus, quando Jesus afirma que não se permite ao homem repudiar sua esposa, eles respondem imediatamente: se tal é a condição do homem perante a mulher, não é conveniente casar-se!

E Jesus respondeu, colocando em paralelo o casamento e o celibato, afirmando: *Nem todos compreendem esta linguagem, mas apenas aqueles a quem isso é dado* (Mt 19, 10-11).

No casamento, mais do que em outro lugar, fidelidade e perdão estão sempre ligados. Os dois têm a mesma fonte.

Quando um cônjuge perdoa o outro é porque eles permanecem juntos para que o amanhã seja diferente do dia de ontem. Não se trata de esquecer-se do passado para não guardar rancor. Existe mais do que isto.

Perdoar, como Deus perdoa, significa amar suficientemente para querer continuar a construir o futuro juntos.

É a razão pela qual o casal humano, como, aliás, o conjunto da célula familiar, torna-se certamente a realidade no âmbito da qual podemos melhor compreender toda a riqueza e toda a dificuldade do perdão. Nisto também, revela-se a face de Deus.⁵⁷

⁵⁷ Idem, p. 189.

Reciprocidade

Que a reciprocidade possa ser considerada entre Deus e seu Povo tem algo de surpreendente. Não existe uma grande disparidade entre os dois parceiros? Deus não é considerado, sobretudo, como o “Mestre” que comanda?

Como poderia Ele se tornar o parceiro?

UM ENTUSIASMO RECÍPROCO (Is 61,10-11 e 62, 4-5)

Com grande alegria

Rejubilei no Senhor

E meu coração exulta no meu Deus!

Ele me revestiu com a roupagem da salvação, e me cobriu com o manto da justiça,

Como noivo que cinge a fronte com o diadema,

Como noiva que se adorna com as suas joias.

Como a terra produz os seus gérmenes

E o jardim faz brotar as suas sementes, o Senhor fará germinar

A justiça e o louvor diante de todas as nações.

Não mais serás chamada de “Desamparada”,

nem a tua terra de “Deserta”;

antes, será chamada “Minha diletta”

e sua terra “a Desposada”,

Assim como o jovem desposa a donzela,

Assim tu serás a alegria do teu Deus.

Em muitas civilizações o marido, ou chefe de família, é quase um deus no meio de sua família; não seria nenhum espanto então encontrar poucos grupos humanos onde o

homem e a mulher desfrutam de direitos recíprocos. E o homem não está pronto em geral a abandonar suas prerrogativas e seus privilégios.

Há tantos lugares onde o casamento é um contrato concluído a serviço do homem e de seu clã!

Não é espantoso que seja São Paulo, em geral tratado como machista, que tenha sido o primeiro a colocar em termos rigorosos a igualdade dos direitos? Ele afirma, de fato:

Que cada um tenha a sua própria mulher e cada mulher o seu próprio marido. Que o marido dê à mulher o que lhe é devido e da mesma forma a mulher também ao marido. A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas sim o marido. E também, da mesma maneira, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas sim a mulher (1 Co 7,2-4).

Na evolução lenta da humanidade, o caminho do casal humano está sem dúvida apenas no seu início. E o evangelho dialoga com cada um de nós para que as mutações desencadeadas pela História se tornem riqueza e procura da verdade.

Não é ele que chama cada homem e cada mulher a levar um testemunho de Deus de fidelidade e de reciprocidade?⁵⁸

O Cristo e sua Igreja

O CRISTO E A IGREJA (Efésios 5,1-2 e 25-32)

Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados.

Vivei no amor como também Cristo

Vos amou e se entregou a si mesmo por nós...

Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo

Amou a Igreja e a si mesmo se entregou por ela.

Para santificá-la, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra da vida.

Para apresentá-la a si mesmo Igreja

⁵⁸ Idem, p. 190.

gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante,

Mas santa e irrepreensível.

Assim devem os maridos amar as suas próprias mulheres como a seus próprios corpos.

Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo.

Porque nunca ninguém odiou a sua própria carne;

Antes a alimenta e sustenta,

Como também o Senhor à Igreja,

Porque somos membros do seu corpo.

Como diz a Escritura:

Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe,

E se unirá a sua mulher e serão dois numa carne.

Grande é este mistério:

Digo-o a respeito de Cristo e da Igreja.

Quando Paulo falava da união do homem e da mulher, ele concluiu: Este mistério é grande; declaro que ele diz respeito ao Cristo e à Igreja (Ef 5,32).

Falar assim era já contar o casamento entre as realidades sacramentais mesmo antes de a palavra existir.

Existe uma interação em todo sacramento: a realidade humana permite compreender a relação de Deus com o homem e a descoberta de Deus vem enriquecer nosso entendimento da realidade humana.

O que dizer do relacionamento do Cristo com a Igreja, se a união do homem e da mulher não nos viesse a revelar? E vice-versa, a contemplação do dom que o Cristo faz dele mesmo à sua Igreja, revela as exigências e as riquezas do casamento.⁵⁹

Casamento e Celibato

O homem é um animal social. Torna-se ele mesmo pela sua relação com os outros. Recusar esta relação significa condenar-se. Acreditar que ele pode existir sem o mínimo esforço, sem cumprimento de ambas as partes, levará ao fracasso.

Aqui, como em outras áreas, aplica-se a máxima do Evangelho: Quem quiser salvar a sua vida a perderá, mas quem perder a sua vida por minha causa, a encontrará! (Mt 16,25).

Mas nem todos casam. As razões são múltiplas.

E Jesus sabia disso: Há pessoas que não se casam, pois, de nascença, eles são incapazes; há outros que não podem se casar por terem sido mutilados pelos homens; outros escolheram não se casar devido ao Reino dos céus. Quem puder compreender, compreenda! (Mt 19,12).

A falta de casamento não é necessariamente a recusa da relação.

Em uma civilização como a nossa onde o número de celibatários é importante, ele é frequentemente um apelo ao dom de si mesmo.

Casamento e consagração religiosa: em certas épocas da vida da Igreja, a consagração religiosa foi considerada como sacramento. Não era sem razão. Há duas maneiras de viver a Aliança: a escolha entre o casamento e o celibato. As duas podem ser sacramentos da Aliança.

Casamento e celibato são complementares. Não se pode exaltar um em detrimento do outro, ou rebaixar um para fazer valer o outro.

Alguns, sob o pretexto de grande espiritualidade, consideram o casamento como um mal menor e a consagração religiosa como superior. Outras, ao contrário, exaltam demasiadamente o casamento ao ponto de fazer acreditar que o celibato é uma mutilação.

⁵⁹ Idem, p. 191.

Em realidade, temos aqui duas maneiras complementares de se situar no mundo. Elas se enriquecem mutuamente:

- ▶ Ambas são maneiras de se dar completamente.
- ▶ Ambas devem ser fonte de fecundidade.
- ▶ Ambas exigem fidelidade similar.
- ▶ Ambas também conhecem alegria e sofrimento, sucesso e derrota.

Não se pode escolher uma sonhando inconscientemente com a outra. Não existe situação mais fácil do que a outra, pois para todos é difícil viver na verdade.

Um celibato aceito

Mas, a verdade da Aliança não fica reservada aos que escolheram o celibato na consagração religiosa.

Há celibatários, homens ou mulheres, que são verdadeiros testemunhos da Aliança. Eles talvez não escolheram seu estado, que frequentemente é resultado das circunstâncias e de fatores diversos. Alguns têm o desejo, ou a esperança, de criar um dia um lar. Outros sabem que permanecerão celibatários.

Fidelidade, fecundidade, reciprocidade e dom de si não são excluídos de suas vidas.

Conhecemos aqueles que realizam, por meio do celibato, uma “relação” com os outros e uma riqueza de serviço a todos. Eles vivem sua Páscoa, entrando assim no mistério da Aliança. Podemos testemunhar, e eles também podem testemunhar, a riqueza que Deus colocou em suas mãos.

O fracasso no casamento

O casamento pode conduzir a situações dolorosas, levando a um fracasso do casal. Devemos dizer por isso que o sacramento não foi vivido? Longe disso.

É inútil procurar as responsabilidades no passado. Deve-se viver a situação presente e ainda vivê-la na fé e na luz da Palavra de Deus. Até na sua Paixão Jesus testemunha a vida. Até em seus sofrimentos e fracassos os esposos separados podem ainda testemunhar a verdade do Deus da Aliança.

Todas as Igrejas cristãs estão de acordo ao afirmar que o ideal cristão do casamento comporta a unidade do casal dentro da fidelidade.

Aqui está um apelo do Evangelho e este apelo fica sem ambiguidade. Contudo, a legislação da Igreja católica, face aos divorciados recasados, parece muito severa na opinião de nossos contemporâneos. Para manifestar a grandeza do sacramento ela mantém o princípio da indissolubilidade absoluta.

Na Igreja Ortodoxa e nas Igrejas Reformistas admite-se, em favor dos divorciados, um “princípio de misericórdia” autorizando, em certos casos, um novo casamento.

O contexto deste capítulo não permite tratar esse problema com as nuances desejáveis. Ele foi abordado em detalhe no livro: *Pour vivre le Mariage* (Para viver o casamento). Pode-se reportar a ele.

Devemos, contudo, afirmar que os divorciados recasados têm seu lugar na comunidade cristã. Se a legislação atual não permite sua plena participação na comunhão eucarística, eles fazem parte da comunhão da Igreja. Eles se encontram com seus irmãos na assembleia litúrgica, nutrindo-se com eles da Palavra de Deus.

Eis porque o termo “excomungado” não deve ser usado em relação a eles. Ele é inadequado para descrever sua situação.

Hoje, mais frequentemente, a preparação se faz por meio de encontros com um padre, mas também com outros casais, durante reuniões animadas por uma equipe de cristãos que aceitam realizar este serviço da comunidade.

Essas reuniões resultam, com frequência, em trocas frutíferas entre os casais. Elas acabam respondendo a questões bastante diversas. É toda a realidade humana que é considerada: as relações do homem e da mulher e suas diferenças psicológicas, o problema dos filhos, as dificuldades conjugais e também o conteúdo da fé, a explicação do pensamento da Igreja sobre o casamento.

Este tempo de preparação poderá ser para vários casais a ocasião de descobrir um lado desconhecido da Igreja; ela aparece então como um lugar onde se pode falar seriamente com outros a respeito das questões importantes que a vida a dois pode apresentar.

Com o padre, a preparação é mais pessoal. Faz-se escolha das passagens da Palavra de Deus que estarão no coração da celebração. Eles leem juntos os textos, os escutam e se colocam diante deles.

Não é de certa forma o que aconteceu entre Jesus e os discípulos de Emaús quando reconheceram sua presença na estrada?

O padre está presente para assegurar a liberdade. Não somente aquela que exclui qualquer forma de pressão, mas aquela que nasce de uma tomada de consciência mais clara do ato que será realizado.⁶⁰

A FÉ DOS ESPOSOS

Os que chegam para pedir o casamento na Igreja são frequentemente não praticantes. Alguns têm até dificuldade em explicar sua posição perante a fé.

Não devemos nos surpreender. Na vida de muitos jovens, as últimas décadas trouxeram rupturas às vezes importantes com as gerações precedentes. Parte do discurso da Igreja tornou-se estranho e eles têm dificuldade em se situar.

Os sacramentos são sacramentos da fé.

O padre está a serviço deles para que sejam vividos em verdade. Mas ele está também a serviço dos noivos para que sejam verdadeiros na caminhada que iniciam.

Não se deve estranhar que a atitude da Igreja seja ao mesmo tempo de acolhida e de exigência.

Em suma: *O sacramento do matrimônio significa a união do Cristo e da Igreja. Ele oferece aos esposos a graça de se amar com o amor com que o Cristo amou sua Igreja; a graça do sacramento aperfeiçoa assim o amor humano dos esposos, confirma sua unidade indissolúvel e santifica-os no caminho da vida eterna.* (CIC, 1661).

⁶⁰ Idem, p. 196.

**PERGUNTAS PARA APROFUNDAMENTO SOBRE O SACRAMENTO DA
COMUNHÃO:**

- 1) De que maneira compreendemos que o amor humano consagrado no casamento nos revela a face de Deus?
- 2) Foi apresentada uma distinção entre o casamento como sacramento de amor e o casamento como sacramento da Aliança. O que achas disso?
- 3) Como aquilo que acabamos de aprender sobre o sacramento do casamento poderia abrir novas abordagens para uma pastoral do casamento que une melhor os casais de hoje?

CONCLUSÃO

JESUS, PALAVRA DE DEUS

Tendo Deus falado outrora aos nossos pais, muitas vezes e de muitas maneiras, pelos Profetas, agora falou-nos nestes últimos tempos pelo Filho a quem constituiu herdeiro de tudo e por quem igualmente criou o mundo (Hb 1, 1-2).

Jesus é a palavra viva. Ele não é um pregador ou um professor. Ele fala pela sua vida. Suas palavras são também seus atos. Suas palavras são encontros. E o interlocutor, quer seja ele discípulo ou adversário, quer seja ele pessoa isolada ou multidão que se apressa, quer seja ele excluído da sociedade ou chefe do povo, escriba ou sumo-sacerdote, o centurião ou o procurador romano, cada um se sabe conhecido. A palavra de Jesus chama à fé e é dom da fé.

Sua palavra é o perdão e o apelo. Ela penetra na vida de cada um. Sua palavra faz sinal e o homem se levanta.

A palavra de Jesus é viva porque encontra o homem no coração de sua vida.

E sua palavra é submissão a outrem, revelação deste outro que ele nomeia seu Pai. Jesus é a palavra do Pai.⁶¹

PALAVRA E SACRAMENTO

A palavra de Jesus não para com a noite trágica da sexta-feira Santa. Na manhã da Páscoa, Jesus está no meio dos seus. Ele oferece seu Espírito e sua palavra é sempre viva.

As primeiras comunidades cristãs não têm a pretensão de falar em seu nome próprio. Quando, após ter recebido o Espírito Santo no dia de Pentecostes, Pedro e João levantam o coxo da Porta Formosa (At 3), *eles o fazem em nome de Jesus Cristo.*

⁶¹ BEGUETIEZ, Philippe e DUCHESNEAU, Claude. **Pour vivre les sacrements.** (Para viver os sacramentos). Ed. De Cerf, Paris, 1991, 2e. édition, p. 212.

É *em seu nome* que perdoamos e batizamos, *em seu nome* que dividimos o pão, que oramos e efetuamos uma unção de óleo para o irmão enfermo.

Assim nasceram os sacramentos da Igreja, sob a influência do Espírito.

Eles são a presença viva do Senhor ressuscitado, o “memorial” de sua palavra e de seus gestos. Eles continuam sendo, em nosso tempo, o encontro vivo de Deus com o homem, por Jesus Cristo seu Filho.

Os sacramentos são vida de acordo com o Espírito. Eles são diálogo onde descobrimos Jesus de Nazaré como aquele que chama. Aquele que se aproximou para nos encontrar em nossa existência e nas realidades de nossas vidas, as mais íntimas, mas também as mais corriqueiras. Eles não esgotam nosso diálogo com Deus; são, no entanto, seus elementos essenciais.

No sacramento Deus fala e sua palavra é acolhida naquilo que somos e vivemos. No sacramento Deus fala e sua palavra é eficaz.

Deus fala e tudo acontece. Sua Palavra é criadora. E o mundo, sua organização e todo o seu povoamento, com o homem no topo, tudo é fruto de dez palavras!

Deus fala! No silêncio das coisas ou no alvoroço dos mundos, Deus fala! E sua palavra faz acontecer.

A palavra de Deus é a *verdadeira luz*, que chegando ao mundo clareia todo homem. A luz se percebe quando toca um objeto, ilumina qualquer coisa. Assim mesmo, a palavra de Deus só é perceptível quando ela nos vem nos eventos de nossa vida.

O sacramento é o ponto de encontro entre a Palavra e a vida.

A vida pode se tornar o lugar de um diálogo misterioso com aquele que é a sua própria fonte e que se torna o horizonte. Precisamos ainda aprender as palavras.

Como a criança que aprende a falar com a sua mãe, nós também recebemos as palavras de nossa fé de uma longa linhagem de testemunhos que trouxeram até nós o livro da Palavra de Deus. Elas são a Igreja. E ao nos ensinar a falar nossa fé, elas a fazem existir.

Os sacramentos são sacramentos da fé, não somente porque necessitam da fé para serem vividos em verdade. Eles são também como tempos privilegiados onde a fé é falada e vivida.

Não são diálogos levados em solitárias, mas em solidariedade com a comunidade crente. Eles são os sacramentos da fé da Igreja. É em sua fé que a nossa se encontra.⁶²

Viver a fé significa fazer de sua vida um lugar onde o Reino acontece.

Viver a fé significa aceitar que a vida se torne sacramento da salvação.

Viver a fé significa viver os sacramentos.

⁶² Idem, p. 213.

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

BEGUETIEZ, Philippe e DUCHESNEAU, Claude. **Pour vivre les sacrements.** (Para viver os sacramentos). Ed. De Cerf, Paris, 1991, 2e. édition.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (CIC), 2013, edição da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

BÍBLIA SAGRADA – Tradução da CNBB.

BIBLIOGRAFIA EM PORTUGUÊS *(que pode ser consultada):*

- Aquino, Felipe. **Os Sete Sacramentos.** Canção Nova.
- Bortolini, José. **Sacramentos em sua vida.** Paulus.
- Góis, João de Deus. **O que é sacramento?** Editora Ave-Maria.
- Libardi, Hélio. **Os Sacramentos na Vida Cristã.** Editora Santuário.
- Rosato, Philip J. **Introdução à Teologia dos Sacramentos.** Loyola.
- Sousa, Amaurilio Machado de. **Que são os sacramentos?** Paulinas.